

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM SOCIEDADE, CULTURA E
FRONTEIRAS – NÍVEL DE MESTRADO
LINHA DE PESQUISA: TERRITÓRIO, HISTÓRIA E MEMÓRIA

GLAUCIA LORENZI

PROSTITUIÇÃO FEMININA NA TRÍPLICE FRONTEIRA:
UMA ETNOGRAFIA NO MOTEL BELIZE

FOZ DO IGUAÇU – PR

2019

GLAUCIA LORENZI

PROSTITUIÇÃO FEMININA NA TRÍPLICE FRONTEIRA:
UMA ETNOGRAFIA NO MOTEL BELIZE

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação *Strictu Sensu* em Sociedade, Cultura e Fronteiras, nível de Mestrado da Universidade Estadual do Paraná – UNIOESTE como requisito para obtenção do Título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras, na linha de pesquisa de Território, História e Memória.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Lopes Alves.

FOZ DO IGUAÇU

2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Lorenzi, Glaucia
Prostituição feminina na tríplice fronteira : uma
etnografia no motel Belize / Glaucia Lorenzi;
orientador(a), Fábio Lopes Alves, 2019.
97 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2019.

1. Prostituição. 2. Etnografia. 3. Representações. 4. Tríplice Fronteira. I. Alves, Fábio Lopes. II. Título.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Foz do Iguaçu - CNPJ 78.680.337/0004-27

Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Fone: (45) 3576-8100 - Fax: (45) 3575-2733

Pólo Universitário - CEP 85870-650 - Foz do Iguaçu - Paraná

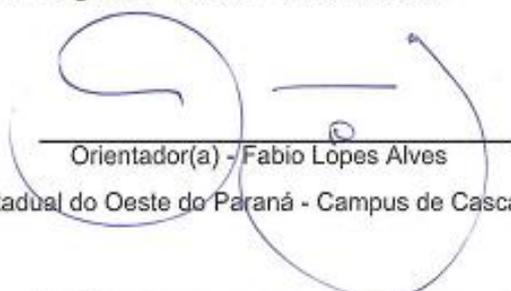


PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

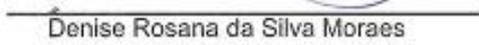
GLAUCIA LORENZI

**PROSTITUIÇÃO FEMININA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UMA ETNOGRAFIA NO
MOTEL BELIZE**

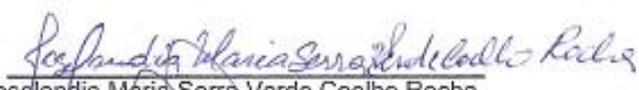
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Sociedade, cultura e fronteiras, área de concentração Sociedade, Cultura e Fronteiras, linha de pesquisa Território, História e Memória, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:


Orientador(a) - Fabio Lopes Alves

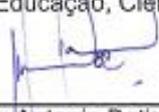
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)


Denise Rosana da Silva Moraes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Foz do Iguaçu (UNIOESTE)


Rosalândia Maria Serra Verde Coelho Rocha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

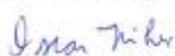

Marco Antonio Batista Carvalho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)


Valdecir Soligo

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Foz do Iguaçu, 17 de dezembro de 2019


Prof. Dr. Oscar Kenji Nihei
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Sociedade, Cultura e Fronteiras
Portaria nº 1329/2019 - GRE de 09/04/2019

Dedico esta investigação a todas as mulheres que das mais diversas formas valem-se de muita coragem para enfrentar as agruras do dia a dia.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao professor Dr. Fábio Lopes Alves, por guiar-me ao longo deste percurso e por me fazer enxergar a vida acadêmica com um olhar mais sensível. Obrigada por todos os esclarecimentos e principalmente por me apresentar ao intenso mundo da pesquisa etnográfica, pois sem seu auxílio não saberia por onde começar.

Obrigada a todas as pessoas que conheci na pesquisa de campo que viabilizaram a realização deste trabalho, em especial as garotas de programa com quem convivi. Agradeço a essas mulheres pela confiança depositada em mim, na certeza de que o tão estigmatizado meio da prostituição não facilita esse tipo de aproximação.

Agradeço a minha família, que mesmo sem entender os motivos que me fizeram escolher tal tema de pesquisa, torceu por mim e se orgulha da minha conquista.

Agradeço aos meus colegas da pós-graduação, em especial a Lívia Cristina Carvalho da Fonseca e a Rita de Cassia Pereira de Carvalho, que além de contribuírem muito com meu desenvolvimento acadêmico, tornaram-se amigas do coração.

Obrigada a Lilica, Vicky e Meggie, minhas lindas gatinhas, que estiveram ao meu lado durante todo o curso, e que entre ronronares e carinhos, amenizaram minha ansiedade, nunca me deixando a impressão de estar só.

Agradeço também, pelos ensinamentos e reflexões, todos os professores que tive a oportunidade de conhecer durante as aulas da pós-graduação.

Obrigada aos colegas de trabalho do Instituto Federal do Paraná, em especial aos amigos da biblioteca do campus de Foz do Iguaçu, por me apoiarem sempre.

À Vânia Maria da Costa Valle e a Fátima Ruiz Oliva pelo excelente trabalho desempenhado na secretaria do mestrado e pela paciência para responder meus inúmeros *e-mails*.

Enfim... obrigada a todos que contribuíram para a concretização desta etnografia, mesmo que não nomeados aqui.

MAL SECRETO

*Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;
Se se pudesse, o espírito que chora,
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!
Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!
Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!*

Raimundo Correia.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma etnografia da prostituição feminina que ocorre em um determinado motel na cidade de Foz do Iguaçu, apresentando as relações de interação e sociabilidade. Para tanto, fez-se necessário analisar como as garotas de programa utilizam a representação para conquistar clientes e enfrentar o estigma, verificar como elas reagem à inserção de novos indivíduos e compreender como se dá a interação dos membros do grupo diante de situações diversas. A coleta de dados do presente estudo assenta-se no entendimento etnográfico de Gluckman (1980); Laplantine (2012); Malinowski (1978/1980) e Winkin (1998). A análise dos dados segue a lógica das representações (GOFFMAN, 2009). Para tratar sobre prostituição e estigma uso as contribuições de Alves (2014); Gaspar (1985); Goffman (1982); Juliano (2002/2019); Martin (2003); Prada (2018); etc. Entre outros resultados, as observações me possibilitaram perceber a ocorrência de inúmeras simulações por parte dos atores envolvidos a fim de alcançar objetivos e me permitiu refletir sobre as máscaras que utilizamos diariamente. Ficou claro que no caso da prostituição realizada por este grupo, as representações contribuem para transmitir a imagem esperada pela sociedade e para evitar o estigma.

PALAVRAS CHAVE: Etnografia; Prostituição; Representações.

ABSTRACT

This dissertation presents an ethnography of female prostitution that occurs in a particular motel in the city of Foz do Iguaçu, presenting the relations of interaction and sociability. Therefore, it was necessary to analyze how the prostitutes use representation to win clients and face stigma, check how they react to the insertion of new individuals and understand how the interaction of group members occurs in different situations. The data collection of the present study is based on the ethnographic understanding of Gluckman (1980); Laplantine (2012); Malinowski (1978/1980) and Winkin (1998). Data analysis follows the logic of representations (GOFFMAN, 2009). To address prostitution and stigma were used the contributions of Alves (2014); Gaspar (1985); Goffman (1982); Julian (2002/2019); Martin (2003); Prada (2018); etc. Among other results, the observations allowed me to perceive the occurrence of innumerable simulations by the actors involved in order to reach objectives and allowed me to reflect on the masks we wear daily. It was clear that in the case of prostitution performed by this group, the representations contribute to transmit the image expected by society and to avoid stigma.

KEY WORDS: Ethnography; Prostitution; Representations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – MAPA DA TRÍPLICE FRONTEIRA	39
FIGURA 2 – ILUSTRAÇÃO DO MOTEL BELIZE	43
FIGURA 3 – TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO	51
FIGURA 4 – GAROTAS	54
FIGURA 5 – MAQUIAGEM SEMPRE AO LADO.....	65
FIGURA 6 – GAROTAS À ESPERA DE CLIENTES	70
FIGURA 7 – CONTROLE DE ALUGUEL DE QUARTOS	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PROSTITUIÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	16
1.1 PROSTITUIÇÃO FEMININA: ESTIGMA COMO FORMA DE CONTROLE SOCIAL	20
2 ETNOGRAFIA	26
2.1 ENTRANDO EM CAMPO	28
2.2 APROXIMAÇÃO	31
2.3 LEVANTAMENTO DAS INFORMAÇÕES	34
2.4 DIFICULDADES DA PESQUISA	36
3 FOZ DO IGUAÇU – TERRA DA PLURALIDADE	39
3.1 PALCO: O MOTEL BELIZE	41
3.2 COMPONENTES DA TRAMA	47
3.2.1 Principal informante: o administrador	47
3.2.2 A figuração dos funcionários	47
3.2.3 Clientes: a razão de existir da prostituição	49
3.2.4 O protagonismo das garotas de programa	52
4 POR TRÁS DAS CORTINAS	57
4.1 DIFERENTES CAMINHOS PARA A PROSTITUIÇÃO	57
4.1.1 Muitos tons de Fiorena	59
4.1.2 O feitiço de Marta	60
4.1.3 A transparente Paola	62
4.1.4 A vivacidade de Raquel	64
4.1.5 A intensa Maísa	67
4.2 INTERAÇÕES DO GRUPO	69
4.3 EXCENTRICIDADES	75
4.4 PROFISSÃO SECRETA	78
4.5 PELAS COSTAS DOS CLIENTES	81
4.6 RISCOS	83
4.7 BASTIDORES E SUAS PARTICULARIDADES	85

CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

Meu interesse pela vida das prostitutas teve início na adolescência, até este momento acreditava no que tinha ouvido sobre elas, “que não valiam nada, que eram destruidoras de lares, perigosas, ladras”. Aos 15 anos queria ter dinheiro para sair com as amigas ou comprar uma roupa da moda, no entanto, as condições financeiras em casa nunca foram muito boas e eu, por conta da idade, não podia trabalhar.

Comecei então a fazer e vender bijuterias. Depois que minha mãe comprou um *kit* que viu na televisão. Nesse *kit* vieram diversos itens para produção de peças, muitos em cores chamativas, que apesar de darem origem a produtos bonitos, eu não conseguia vender para as mulheres que conhecia. Sem saber o que fazer com essas bijuterias, ouvi de uma amiga que se fosse a um determinado bar, venderia tudo. Essa amiga falou que conhecia a dona do local e que se eu quisesse iria comigo, assim lá fui eu.

Lembro que fiquei bem preocupada por estar indo nesse lugar, uma vez que o que minha amiga chamava de bar era, na verdade, uma zona de meretrício. Eu sabia o que elas faziam ali obviamente, mas sentia medo, medo de ser tratada mal, de ser agredida e mais medo ainda do que as pessoas pensariam se me vissem entrando em um lugar daqueles. Hoje percebo que esse sentimento era devido a preconceitos instalados em mim, por tudo o que já tinha ouvido até aquele momento e quando saí daquele ambiente minha percepção tinha mudado muito.

Durante o tempo em que fiquei naquele bar, fui muito bem recebida, as mulheres que estavam ali eram pessoas simples e educadas. Enquanto vendia meus produtos escutava as conversas entre elas, algumas divertidas e outras verdadeiramente dramáticas, como a de uma garota que havia buscado na prostituição uma alternativa para fugir das agressões do marido. Naquele dia vendi todas as bijuterias que tinha, saí do local cheia de dinheiro e com outra impressão sobre as chamadas “mulheres da vida”.

Passaram-se anos e eu nunca mais estive em um local como aquele, porém sempre me interessava por matérias de jornais e revistas que falassem sobre prostituição, principalmente sobre a vida das prostitutas. Como morava em uma cidade pequena não era comum vê-las pelas ruas à espera de clientes, era mais

fácil encontrá-las em danceterias, aonde iam bem vestidas e geralmente sozinhas, com o intuito de atrair algum homem para um programa.

Quando mudei de cidade em 2014, a prostituição voltou a chamar atenção, minha curiosidade era tamanha que sempre tive em mente pesquisar esse tema o dia que fosse fazer um mestrado. Quando esse dia chegou, escolhi como objeto de pesquisa um grupo de prostitutas formado majoritariamente por paraguaias que cruzam a fronteira para se prostituir nas imediações e dependências de um motel em Foz do Iguaçu, nomeado ficticiamente para este trabalho, como “Belize”¹.

Apesar de a prostituição ser um assunto comum em pesquisas realizadas ao longo do país, o presente estudo justifica-se pela peculiaridade da situação encontrada em Foz do Iguaçu, onde se percebe a presença de mulheres e travestis nas imediações de motéis, inclusive durante o dia. Somada a esta visibilidade outra importante razão para o presente trabalho é o fato de que as ruas da cidade não são ocupadas apenas por prostitutas brasileiras, mas por quantia significativa de mulheres oriundas do país vizinho, o Paraguai. Situação propiciada pela facilidade de locomoção entre os dois países, que mesmo separados pelo Rio Paraná, são ligados pela Ponte Internacional da Amizade, caracterizando Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este* como cidades-gêmeas².

Apoiada nesta justificativa tenho como objetivo geral realizar uma etnografia sobre a prostituição feminina que acontece no motel Belize apresentando as relações de interação e sociabilidade. Para alcançar tal propósito será necessário também analisar como as garotas de programa utilizam a representação³ para conquistar clientes e enfrentar o estigma, verificar de que forma elas reagem à inserção de novos indivíduos e compreender como se dá a interação entre os membros do grupo diante de situações diversas.

Nessa investigação foi necessário se ater a comportamentos e sentimentos com interpretações subjetivas para atingir os objetivos delimitados. A metodologia de pesquisa utilizada foi qualitativa, tendo então adotado a etnografia⁴ como método,

¹ Nome fictício escolhido, pela autora. Originalmente corresponde a um país da América Central.

² De acordo com o Art. 1º da Portaria nº 125/2014, “serão considerados cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho”.

³ Representação no sentido de interpretar personagens, abordagem de Erving Goffman (2009).

⁴ Em alguns estudos pode-se observar o termo “pesquisa de tipo etnográfico” para diferenciar as descrições realizadas por antropólogos, da preocupação com o processo educativo dos estudiosos de educação. O conceito de tipo etnográfico foi cunhado por André (2012, p.28) para explicar que os

pois por ter como foco o estudo do comportamento de determinados grupos, me permitiu conviver com o objeto de estudo e compreendê-lo através das observações e interações.

Em decorrência da adoção do método etnográfico, o resultado da presente pesquisa foi conquistado através do vínculo estabelecido entre a pesquisadora e os envolvidos no meio analisado. A negociação para realização deste estudo foi feita pelo filho do dono do motel e responsável pelo estabelecimento, Marcos⁵, que após autorizar minha permanência no local, apresentou-me às garotas de programa. Marcos serviu como intermediador até que minha presença fosse encarada como normal no ambiente, ponto esse, onde a desconfiança e a vergonha foram substituídas por interesse e aproximação.

A estranheza inicial que as garotas sentiam com a minha presença foi desvanecendo à medida que elas me enxergaram como mulher, que embora não exercesse a mesma atividade, partilhava dos pensamentos, sentimentos e problemas delas.

Durante os dez meses em que me fiz presente no motel pude acompanhar a rotina de atendimentos, a interação do grupo, a abordagem, os costumes, os cuidados pessoais e as conversas rotineiras, que iam muito além da prostituição e dos clientes. Neste período registrei o máximo de informações possíveis, com a anotação em diário de campo, gravações e fotografias. Os dias utilizados para as observações variaram em virtude das condições climáticas, já que em dias de chuva ou frio muito intenso raramente as garotas trabalhavam.

Para o desenvolvimento desta dissertação, utilizo compreensão de Maria Dulce Gaspar (1985) acerca de prostituição, que a entende como uma negociação envolvendo dinheiro e prestação de variados serviços sexuais entre homens e mulheres que não possuem laços como o casamento ou filhos. E partindo do entendimento de que o tema pode ser trabalhado por diversos aspectos, optei por abordá-lo através das interações sociais praticadas pelo grupo em pauta, permitindo assim que diversas questões possam ser analisadas através da compreensão das relações e práticas estabelecidas no ambiente utilizado pelas prostitutas.

investigadores das questões educacionais têm realizado “uma adaptação da etnografia à educação, o que me leva a concluir que fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito”.

⁵ Todos os nomes mencionados na presente dissertação são fictícios a fim de preservar a identidade dos envolvidos.

Para verificar as relações existentes neste círculo de prostituição, no primeiro capítulo utilizo a concepção de Erving Goffman (2009) sobre as representações sociais, e a partir dela analiso a representação das garotas de programa frente aos clientes e as colegas de grupo, de modo a compreender a coerência por trás dessa prática. A escolha do autor para ser um dos pilares da fundamentação teórica não foi um ato aleatório, mas cuidadosamente pensado, tendo em vista que ele trabalha de modo primoroso a interação entre os indivíduos e a atuação desempenhada por estes a fim de alcançar objetivos.

No primeiro capítulo utilizo de contribuições de Goffman (1982) sobre estigma, pois valorações negativas acompanham as prostitutas em seu cotidiano e abordar esse tema é fundamental no desenrolar deste estudo. Para complementar o entendimento sobre estigma também emprego como recursos teóricos as obras de Prada (2018), reconhecida trabalhadora sexual feminista e ativista em prol dos direitos das prostitutas e de Juliano (2002), antropóloga especialista em estudos das minorias e questões de gênero, abordando o estigma na prostituição feminina como ferramenta de dominação sobre as demais mulheres.

No segundo capítulo, faço uma breve abordagem sobre o método etnográfico, apoiada principalmente nas obras de Malinowski (1980), La Plantine (2012) e Winkin (1998). Em seguida, realizo a exposição de como se deu minha aproximação com as garotas de programa, baseada nas experiências de Gaspar (1985) e Martin (2003), mulheres que, assim como eu, foram a campo. Para finalizar esta seção também discorro sobre as dificuldades encontradas durante a pesquisa e como procedi diante delas.

Embora ao longo da dissertação tenha pincelado partes dos resultados da pesquisa, é nos dois últimos capítulos que eles efetivamente são revelados. No terceiro capítulo faço a descrição do palco e a apresentação dos personagens. E finalizando a apresentação dos resultados, no quarto capítulo relato os caminhos percorridos por algumas das garotas de programa. Aqui também analiso o que ocorre nos bastidores, explicitando as interações ocorridas no ambiente.

Para encerrar esta dissertação apresento as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas para embasar esta pesquisa.

Saliento que a investigação que passará a ser exposta nos próximos capítulos foi realizada a partir de perspectiva etnográfica e analisada através das interações sociais. Embora a prostituição se faça presente em inúmeras pesquisas, ainda

carece de maiores investigações científicas, dadas as particularidades de cada situação e região.

1 PROSTITUIÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ao analisar as representações e interações sociais das prostitutas envolvidas nesta pesquisa e as diversas faces que apresentam de acordo com o objetivo que almejam, será utilizado como embasamento teórico o estudo difundido por Goffman (2009) sobre o comportamento habitual dos indivíduos. Do seu ponto de vista, estamos constantemente interpretando diferentes personagens, a fim de transmitir impressões que gostaríamos que a nós fossem atribuídas ou que de nós são esperadas, comportando-nos como atores frente à plateia, em uma peça de teatro.

Mesmo não abordando a representação a partir das comparações com a dramaturgia, Hall (2006) também segue raciocínio semelhante ao abordar a concepção de identidade do ponto de vista sociológico. O autor afirma que os sujeitos estão se tornando fragmentados, compostos por diversas identidades, que podem ser contraditórias e não-resolvidas, ou seja, para ele os indivíduos representam quando assumem diferentes identidades em diferentes momentos, sendo que as possibilidades se multiplicam sempre que as pessoas se deparam com novas culturas ou sistemas de significação.

Derivada do latim *persona*, a palavra personagem, indicava na origem do teatro a máscara que o ator utilizava, vindo em seguida a caracterizar também as máscaras empregadas pelas pessoas frente à sociedade. Assim, ao assumir uma *persona*, um indivíduo assumia uma identidade para se apresentar e se relacionar com os demais (SILVA, 2013). Aproveitando-se destas definições, Goffman (2009) apresenta em sua produção metáforas baseadas na perspectiva das representações teatrais, onde procura mostrar como as pessoas agem frente a outras em situações comuns, os motivos que as levam a tais ações e quais os artifícios utilizados para a realização de suas representações.

A obra de Goffman (2009) foi escolhida para embasar este trabalho dada a sua relevância para os estudos sociológicos sendo considerada por Pierre Bourdieu (2004) “o produto mais bem sucedido de uma das maneiras mais originais e raras de praticar a sociologia”. Para Bourdieu, através de indícios sutis nas interações sociais, Goffman capta,

A lógica do trabalho de representação; quer dizer, o conjunto das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua identidade, moldar sua imagem social, em suma, se produzir: os

sujeitos sociais são também atores que se exibem e que, em um esforço mais ou menos constante de encenação, visam a se distinguir, a dar a “melhor impressão”, enfim, a se mostrar e a se valorizar (BOURDIEU, 2004, p.12).

No teatro, o ator é o profissional que mais expõe sua personalidade, corpo, dotes psicológicos e mentais, correndo o risco de sofrer desgastes nesses atributos. Além das definições encontradas em dicionários, um ator pode ser definido também como o indivíduo que finge o que não sente e que tem como missão principal simular sentimentos (CARVALHO, 1989).

Partindo desse entendimento sobre o que vem a ser um ator e da visão de Goffman (2009), de que o mundo é um grande teatro onde nós desempenhamos rotineiramente o papel de atores, faz-se necessário para a melhor compreensão, citar alguns conceitos que fazem parte da dramaturgia desta pesquisa. Para tanto, convém delimitar como palco o local onde ocorrem as representações, nesse caso, o motel Belize e suas imediações. O elenco será composto pelas prostitutas atuando como atrizes protagonistas e por outros membros do estabelecimento atuando como coadjuvantes. A plateia será composta por todas as pessoas que observam a interação, sendo importante salientar que os papéis podem se inverter de posição de acordo com a situação apresentada.

O palco apresenta coisas que são simulações. Presume-se que a vida apresenta coisas reais e, às vezes, bem ensaiadas. Mais importante, talvez, é o fato de que no palco um ator se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens projetados por outros atores. A plateia constitui um terceiro elemento da correlação, elemento que é essencial, e que, entretanto, se a representação fosse real, não estaria lá [...] o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes (GOFFMAN, 2009, p. 9).

Cabe esclarecer, que ao longo deste trabalho sempre que o termo “representação” for utilizado, ele estará se referindo ao que Goffman (2009, p. 29) denomina como a “atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”. Através desse conceito é possível compreender que as representações só ocorrem quando o indivíduo encontra-se na presença de outras pessoas, visto que sozinho, não há a necessidade de interpretar personagens.

No que diz respeito à etnografia, Goffman (2009) destaca que quando um observador participante é aceito em um grupo, precisa ter cuidado para demonstrar o mesmo olhar em diversas situações, pois nessa modalidade de pesquisa o observador também é analisado. Essa ideia levantada pelo autor evidencia as trocas de papéis que ocorrem nas representações sociais e, no caso desta pesquisa etnográfica, salienta que embora as atrizes principais tenham sido as prostitutas, eu, na posição de observadora, representei com a finalidade de estar o mais próxima possível das garotas de programa, tendo planejado, entre outras coisas, o que falar e o que vestir, utilizando assim de um instrumento chamado por Goffman de fachada.

Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 2009, p. 29).

A fachada pode ser dividida em duas partes: o cenário e a fachada pessoal. Se por um lado o cenário é caracterizado pelo espaço físico, constituído pelos móveis, decoração e disposição dos objetos, necessitando que os atores estejam no local para que se tenha início a representação. Por outro, a fachada pessoal pode ser entendida como algo íntimo, podendo acompanhar o ator onde quer que ele vá, como características físicas, roupas, expressões faciais e padrão de linguagem (GOFFMAN, 2009).

A relação entre fachada pessoal e cenário é evidente neste trabalho, principalmente através da caracterização que algumas garotas de programa fazem ao chegar ao motel, momento em que trocam as roupas comuns por peças extravagantes e sensuais, preparação essa que desfazem na hora de voltarem para suas casas. Ao contrário delas, tendo como objetivo não ser notada pelos clientes e passar a imagem de mulher simples e sem muitas vaidades, pensava minha vestimenta a fim de que minha fachada pessoal transmitisse essa impressão.

Embora a encenação possa parecer apenas uma extensão do caráter do ator, Goffman (2009) afirma que pensar dessa maneira é limitante, podendo ofuscar diferenças importantes na função de representar, por isso sustenta que:

Acontece frequentemente que a representação do ator sirva principalmente para expressar as características da tarefa que é representada e não as do ator [...] vemos muitas vezes que a fachada pessoal do ator é empregada não tanto porque lhe permite apresentar-se como gostaria de aparecer, mas porque sua aparência e maneiras podem contribuir para uma encenação de maior alcance. (2009, p. 76).

Com base na afirmação supracitada, é possível destacar que a encenação das garotas, assim como a fachada que apresentam quando estão no palco, pode não ter nada em comum com o caráter ou personalidade delas. Desta forma, ao utilizarem roupas sensuais e ao provocar os homens que transitam em frente ao motel podem unicamente estar buscando transmitir a imagem que se espera das prostitutas, com a única finalidade de atrair clientes. Assim, “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais que o comportamento do indivíduo como um todo” (GOFFMAN, 2009, p. 41).

Ao conviver com as garotas de programa foi possível perceber a dualidade na vida da maioria delas, que utilizam das representações não apenas no trabalho, mas também em seus lares ao interpretarem mães de família respeitadas. Para essas mulheres, em ambos os casos, é necessário manter a discrição, sendo que no local onde residem é necessário manter absoluto policiamento de suas atitudes para esconder a atividade que desempenham.

Quando um indivíduo faz uma representação esconde tipicamente mais que prazeres e poupanças impróprias [...] o ator pode estar empenhado em uma forma lucrativa de atividade que oculta de seu público por ser incompatível com a noção dessa atividade que ele espera o público tenha (GOFFMAN, 2009, p. 47).

Conforme os apontamentos de Goffman (2009), apresentamos tantas faces conforme o número de grupos aos quais estamos expostos, comportando-nos de maneira diferente frente a cada um deles. Para o autor, ao interpretar um papel frente a um determinado grupo estamos contando com a “segregação de auditório” como uma garantia de que as pessoas que fazem parte dele não serão as mesmas que farão parte de outro grupo onde interpretaremos papel distinto. No caso da maioria das prostitutas pesquisadas, a segregação de auditório é garantida pelo fato de se prostituírem em outro país, atendendo homens que, supostamente, não encontrarão em seu círculo social no Paraguai, tornando pequena a probabilidade de serem surpreendidas por algum conhecido no Brasil.

A vida dupla de algumas das garotas de programa envolvidas neste trabalho vem sendo sustentada há anos, embora em alguns casos o companheiro ou a mãe tenham conhecimento, sendo coniventes na encenação, as demais pessoas, familiares e amigos ignoram a atividade exercida em Foz do Iguaçu. A situação vivenciada pelas mulheres, objeto desta pesquisa, confirma a afirmativa de Goffman (2009), sobre a possibilidade de manter, com sucesso, duplicidades durante muito tempo, mostrando que ainda que as pessoas sejam o que aparentam ser, aparências podem ser manipuladas.

Ao manter uma vida dupla, frequentemente os indivíduos necessitam utilizar de subterfúgios para preservar a aparência que pretendem transmitir, no caso específico desta pesquisa, a necessidade de mentir se faz maior junto da família, uma vez que a possibilidade de descoberta da prostituição por parte deles constituiu-se em grande temor por parte das garotas de programa.

Os indivíduos surpreendidos em flagrante no ato de dizer mentiras descaradas, não apenas ficam desacreditados durante a interação, mas podem ter sua dignidade destruída, pois muitas plateias acharão que se um indivíduo pode permitir-se uma vez contar semelhante mentira, não deve nunca mais merecer confiança (GOFFMAN, 2009, p. 63).

Embora as mentiras coloquem algumas das prostitutas em frequente tensão e insegurança, pois “em qualquer momento de sua representação pode ocorrer um acontecimento que os apanhe em erro e contradiga manifestamente o que declarava abertamente, trazendo-lhes imediata humilhação e às vezes perda permanente da reputação” (GOFFMAN, 2009, p. 60), mentir, neste caso, é a única maneira de evitar o estigma.

1.1 PROSTITUIÇÃO FEMININA: ESTIGMA COMO FORMA DE CONTROLE SOCIAL

Utilizado inicialmente pelos gregos, o termo estigma foi criado para se referir a sinais corporais encontrados nas pessoas que denotassem alguma característica incomum ou ruim sobre quem o possuía. Assim, uma pessoa detentora de estigma não era considerada um ser humano normal e sim uma pessoa diferente e “estragada”, sendo que o seu nível de descrédito variava conforme o estigma apresentado.

Importante dizer que normais e estigmatizados não são pessoas, mas sim expectativas geradas durante os contatos sociais. Quando um dos indivíduos deixa de cumprir alguma norma estabelecida, se torna detentor de um estigma, dessa forma, o mesmo atributo que estigmatiza alguém pode confirmar o quanto outra pessoa é normal, já que os normais seriam os indivíduos que não se dirigem contrariamente as expectativas particulares (GOFFMAN, 1982).

Bacelar (1982) acredita que essas normas existentes nas sociedades como parâmetros de conduta e normalidade, estão diretamente relacionadas às formas de dominação de grupos e pessoas. Para ele, o estigma atrelado à prostituição foi construído ideologicamente a fim de mostrar sua inferioridade, e o grau de estigmatização atribuído às prostitutas variaria de acordo com o grupo social a que elas pertencem, assim, quanto maior o grau de pobreza dessas mulheres, maior será a discriminação sofrida.

Na obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Goffman (1982) classifica o estigma em três categorias: uma que abrange deformidades físicas, outra que engloba os estigmas de raça, nação e religião e uma terceira categoria que representa o que será debatido neste trabalho, às culpas de caráter individual, que são percebidas como:

Vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical (GOFFMAN, 1982, p. 14).

Tendo em vista a definição apresentada acima, pode-se depreender então que as culpas de caráter individual são estigmas que muitas vezes passam despercebidos das demais pessoas, sendo que nem mesmo possuir um vínculo estreito com quem o carrega é garantia de conhecê-lo, como acontece com a prostituição, frequentemente mantida em segredo até da própria família.

Alguns estigmas de caráter individual podem ser considerados tão vergonhosos pela sociedade, que esconder das pessoas mais íntimas é a maior preocupação de quem o possui, sendo que a sua descoberta prejudicaria as relações sociais estabelecidas no presente e também no futuro (GOFFMAN, 1982). A incorporação dos parâmetros estabelecidos pela sociedade faz o indivíduo acreditar em sua inferioridade diante dos demais:

Tornam-no intimamente suscetível ao que os outros veem como seu defeito, levando-o inevitavelmente, mesmo que em alguns poucos momentos, a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro (GOFFMAN, 1982, p. 17).

Fortalecendo a ideia apresentada, Monique Prada (2018) afirma que muitas mulheres mentem para namorados e familiares, por anos, sobre o fato de se prostituírem, mas que essa mentira não está diretamente relacionada ao trabalho sexual e sim com o estigma que existe sobre ele. Para a autora, mulheres sofrem com a estigmatização em diversos aspectos, tendo a própria enfrentado o crivo da sociedade não apenas nos momentos em que se prostituiu, mas também por ser mãe solteira e de filhos de pais diferentes. Para ela “o estigma tem sido uma das estratégias mais eficazes de dominação patriarcal” (PRADA, 2018, p. 35).

Os julgamentos depositados sobre as prostitutas são tão grandes, que de acordo com Juliano (2002), mesmo nos países onde a prostituição é permitida, atuar nesse ramo de trabalho atrapalha as mulheres na realização de outras atividades de maior prestígio. O fato de ser prostituta desqualifica o seu discurso perante a opinião pública, mesmo que possua alto nível de conhecimento sobre os assuntos tratados. Prada (2018) corrobora deste pensamento quando afirma que ao tentarem se fazerem ouvir, as prostitutas não correspondem ao esperado pela sociedade.

Eu não sei que putas são essas, que putas temos sido nós, que ousamos tanto. Mas uma coisa eu sei: essas não são as putas que a sociedade quer ouvir. Ou ler, no caso. São putas que não combinam com o que o imaginário popular criou: mulheres miseráveis que fazem qualquer coisa por um prato de comida e que não tiveram nenhuma outra oportunidade na vida a não ser realizar os desejos sexuais bizarros de homens maus e pervertidos. A sociedade quer que fiquemos no lugar que ela nos reservou, o único espaço possível para mulheres como nós: o espaço da precariedade, da exclusão, da marginalidade, da clandestinidade, da violência (PRADA, 2018, p. 35).

Em face destas afirmativas, subentende-se que esconder sua profissão poderá além de livrá-las das críticas alheias, permitir que venham a desempenhar outros papéis sociais. Uma das formas possíveis para ocultar o que fazem é se distanciar do lar:

Ao manter a distância física, o indivíduo também pode restringir a tendência de outras pessoas para construir uma identificação pessoal de si próprio. Ao morar numa região com população móvel, ele pode limitar a intensidade de

experiência contínua que os outros têm com ele. Ao morar numa região isolada de outra que frequenta com regularidade, ele pode produzir uma desconexão em sua biografia (GOFFMAN, 1982, p. 111).

No entanto, ao esconder a situação que vivenciam das pessoas íntimas, os estigmatizados sentem-se culpados, já que por mais secretas que sejam as circunstâncias, sempre são conhecidas de alguém, fato que lança sombras sobre o sujeito, pois quanto maior é o número de pessoas que tem conhecimento sobre o segredo do indivíduo, mais incerta é a sua condição (GOFFMAN, 1982). Esses sentimentos acompanham as garotas de programa que fizeram parte deste estudo etnográfico, já que nove das dez prostitutas com quem convivi, mentem para amigos e familiares sobre o que fazem, carregando consigo o medo diário pela possibilidade de serem descobertas.

Na tentativa de encobrir ao máximo seu estigma, as prostitutas realizam uma espécie de rito de passagem, que acontece quando o indivíduo além de se dirigir para outra cidade, também adota roupas diferentes das usadas habitualmente e muda de nome, podendo assim permanecer no anonimato, sem chamar a atenção de ninguém (GOFFMAN, 1982). A mudança de nome empregada pelas garotas de programa é algo comum nessa atividade e considerada por Monique Prada uma evidência do quanto a prostituição ainda é mascarada:

Meu nome de batismo não é Monique, mas é assim que você me chamará, Monique Prada. Isso conta um pouco sobre a atividade que exerço e que exerci por um período considerável da minha vida: nós escondemos nossos próprios nomes, nossa identidade, somos clandestinas, precisamos viver às sombras. E isso apesar de a atividade existir a séculos. E isso apesar de estarmos em todos os espaços (2018, p. 26).

Especificamente no cenário apresentado por essa pesquisa, além dessas características típicas do rito de passagem, as prostitutas optam por trabalhar nas imediações do motel, visto que ele abre somente em horário comercial, contribuindo assim para a manipulação das informações que repassam em suas casas, uma vez que domésticas, vendedoras e “muambeiras⁶” (trabalhos que elas dizem desempenhar) não costumam trabalhar a noite.

As prostitutas, assim como criminosos, gigolôs e viciados em drogas são exemplos do que Goffman (1982) chama de desviantes sociais, uma vez que para a

⁶ Quem comercializa alguma coisa sem pagar impostos por isso.

sociedade não possuem a capacidade de aproveitar as oportunidades existentes para progredir e se enquadrar nas opções moralmente aprovadas pelo corpo social. Exemplo relevante dessa moralidade é o fato de que “ninguém se importa se uma mulher precisa limpar privadas, ocupar seus dias embalando compras ou costurar até a exaustão, mas basta que ela use sexo para garantir seu sustento que passamos a nos preocupar com sua condição” (PRADA, 2018, p. 58).

Para antropóloga Dolores Juliano (2014), o estigma da prostituição está diretamente relacionado ao controle das mulheres que não trabalham no comércio do sexo, uma vez que, o modelo de esposa e mãe exige sacrifícios e por não oferecer muitos atrativos, à única forma de adaptar as mulheres a ele é mostrando que outra possibilidade seria pior. Rago (2008) corrobora com esta constatação e relata que tal controle existe há décadas no Brasil, citando que nos anos 1920 o crescimento da prostituição serviu como um poderoso fantasma de contenção às mulheres, pois estas pressionavam para ingressar na vida pública, mas temiam que a conquista de direitos e liberdades pudessem as colocar no mesmo patamar desmoralizador das “mulheres alegres”.

Partindo dessa discussão, Juliano (2014) entende que estigmatizar as prostitutas serve como elemento de controle, principalmente quando se reflete sobre o fato de que o estigma que atinge as prostitutas não atinge da mesma forma os homens que as procuram.

A invisibilidade dos clientes é uma estratégia tradicional a partir da qual se faz cair toda a estigmatização de um comportamento descartado socialmente, sobre apenas um dos integrantes da relação, a mulher. Aqui acontece uma transmutação na qual o que é comercializado, a atividade sexual, é vista como vício e degradação enquanto está relacionada à vendedora do serviço, que fica assim estigmatizada como puta, mas que se transforma em uma mercadoria como outra qualquer quando está relacionado ao comprador, que é simplesmente rotulado com a denominação neutra de cliente, que se aplica indistintamente ao reclamante de qualquer mercadoria ou serviço (JULIANO, 2002, p. 95, tradução nossa).

Juliano (2002) afirma que além da invisibilidade dos homens que procuram por prostitutas, são estes mesmos contratantes de serviços sexuais que posteriormente se encarregam de desvalorizá-las. A fim de demonstrar masculinidade, quando se reúnem em grupos insultam, difamam e fazem gracejos sobre as mulheres perante as quais fizeram confidências, jogando sobre elas as suas próprias fraquezas. Segundo a autora, o ato de difamação realizado por esses

homens se dá justamente pelo fato de que as prostitutas conhecem suas angústias e medos. Assim buscam silenciá-las através do descrédito, para que, eles possam seguir frente à sociedade com sua dignidade e importância.

Gaspar (1985, p. 107) atesta a afirmação de Juliano no tocante ao descrédito atribuído as prostitutas, alegando que “as confidências a uma prostituta jamais terão eco no grupo social do cliente. Ele se encontra devidamente defendido pela distância social que o separa da prostituta, pelo pouco crédito que teriam as afirmações dela”.

Mais adiante, no tópico “profissão secreta” do terceiro capítulo, serão detalhadas as práticas adotadas pelas garotas de programa no intuito de evitar a estigmatização e também será possível compreender melhor a relação delas com suas famílias. No entanto, agora se faz necessário avançar para o próximo capítulo onde será apresentado o método de pesquisa utilizado e explanado como transcorreu a inserção em campo.

2 ETNOGRAFIA

Neste capítulo faz-se necessário explicar como se desenvolveu o método de pesquisa, desde a escolha do grupo de pessoas até a inserção junto às garotas de programa. Para tanto, será esmiuçado o passo a passo realizado tendo como ponto de partida a abordagem do método escolhido, contextualizando-o à sua origem, a antropologia.

Habitualmente utilizada pela antropologia, a etnografia é um “estudo aprofundado de um único povo ou de um pequeno número de povos intimamente relacionados” (BOHANNAN, 1980, p. 249). A importância deste método se deve ao fato de que a essência da Antropologia é a autoinvestigação, de si e dos outros. Assim os antropólogos saem em busca de povos com culturas diferentes, mesmo que esse povo exótico esteja bem próximo (BOHANNAN, 1980).

Para Laplantine (2012), só pode ser considerada antropológica uma abordagem que considere os inúmeros aspectos do ser humano na sociedade, sendo necessário que o pesquisador esteja atento para que nada lhe escape, mesmo que alguns fatos observados não correspondam diretamente ao assunto que se deseja estudar, pois na antropologia o que interessa é justamente o contexto no qual se situam os objetos, a fim de compreender a totalidade das interações.

Mesmo visando à totalidade do ser humano, por muito tempo as pesquisas antropológicas apresentaram grande distanciamento dos respectivos objetos de pesquisa, conforme Paul Bohannan descreve a seguir:

É difícil para os antropólogos perceberem que houve um momento na história de sua ciência no qual a pesquisa de campo não havia sido descoberta. Eles obtinham os “fatos” através de relatos de exploradores, funcionários coloniais e missionários; interpretavam-nos na maioria das vezes sem o auxílio das explicações fornecidas pelos povos aos quais estes fatos se referiam. Com a chegada do século XX os americanos e os ingleses “descobriram” o trabalho de campo independentemente, e quase que simultaneamente (1980, p. 249).

Desta forma a verdadeira etnografia só passou a existir quando o pesquisador percebeu que era ele quem devia ir a campo fazer sua pesquisa e que a observação direta fazia parte dela, pondo fim às divisões que existiam entre o observador que fornecia os dados e o pesquisador que analisava e interpretava as informações.

É nesse contexto que se destaca Bronislaw Malinowski. Ninguém antes dele

tinha se esforçado tanto para compreender o que sentem as pessoas que pertencem a outras culturas, o pesquisador procurava reviver em si mesmo os sentimentos alheios, fazendo da observação participante um momento de compreensão e compartilhamento de emoções (LAPLANTINE, 2012).

Diferentemente das observações superficiais coletadas até então por outros autores, Malinowski foi responsável por revolucionar a antropologia ao permanecer por um longo período nas ilhas *Trobriand*⁷, coletando dados diretamente da vida social dos nativos. Este estudo, publicado no livro *Os argonautas do pacífico ocidental* elevou a pesquisa de campo etnográfica ao patamar de uma arte profissional (GLUCKMAN, 1980).

De acordo com Malinowski (1980), na etnografia o autor é seu próprio cronista e suas fontes de pesquisa se encontram no comportamento e na memória das pessoas. Para o autor, a finalidade básica da pesquisa de campo etnográfica é propiciar uma descrição clara sobre a constituição social dos povos estudados, proporcionando uma visão completa dos acontecimentos, sem selecionar fatos a fim de distorcer a imagem das pessoas apresentadas.

Sobre esta seleção de fatos Blumer (1969) apud Becker (2007), acredita que mesmo sem se dar conta, o pesquisador, igualmente a todo ser humano, formará um quadro mental sobre o que se propõe estudar. Para ele, independentemente de sermos leigos ou estudiosos, vemos à vida em grupos desconhecidos a partir de imagens que já possuímos, todos temos nossa cota de estereótipos. Atento a isso, Becker (2007) acrescenta que todo cientista social atribuí, mesmo que implicitamente, um ponto de vista às ações das pessoas que analisa.

Essas atribuições implícitas me perturbaram um pouco no início das observações, mentalmente acreditava que encontraria situações de violência, talvez até mesmo mulheres infelizes, e em pouco tempo percebi que essa não era a realidade daquele grupo. Mesmo não tentando selecionar fatos, a princípio fiquei aborrecida, pois as informações colhidas não correspondiam ao imaginário social, e isso, a meu ver, parecia tornar minha pesquisa menos relevante.

Também é importante frisar que em pesquisas antropológicas o observador é parte integrante da pesquisa, não devendo buscar uma neutralidade, pois a sua presença interfere nas situações vivenciadas, inclusive criando novas situações que

⁷ São atóis coralinos que formam um arquipélago ao longo da costa oriental da Nova Guiné.

não ocorreriam caso ele não estivesse ali (LAPLANTINE, 2012). Como o percebido pelas garotas de programa envolvidas em minha etnografia, quanto ao comportamento mais flexível do administrador do motel durante minha permanência no local. Portanto,

Aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com seus interlocutores (o que reprime ou que sublima, o que detesta ou gosta), é parte integrante da pesquisa. Assim uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar os problemas das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação em jogo. Pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios (LAPLANTINE, 2012, p. 170).

Para atingir bons resultados, Yves Winkin (1998) considera que ao se fazer uma pesquisa etnográfica o observador deve ter a capacidade de saber ver, de saber estar com os outros e consigo mesmo e por fim de saber escrever para transmitir fielmente a terceiros o que observou. Desta forma,

A formação para o procedimento etnográfico passa primeiro pela observação, que, aliás, não deve necessariamente ser participante. Não é porque você está fazendo um estudo sobre a vida social de um bar que você tem de ser garçom de bar. É preciso simplesmente estar ali, viver no ritmo do bar. Não há necessidade de desempenhar um papel profissional no lugar estudado (WINKIN, 1998, p. 140).

Além das competências acima listadas, o pesquisador que inicia uma exploração de campo deve ter capacidade para mudar seu ponto de vista diante das evidências que se apresentarem, caso contrário, seu trabalho não terá utilidade. As ideias preconcebidas são prejudiciais a qualquer pesquisa científica, mas antever os problemas e aceitar os fatos é a principal qualidade de qualquer pesquisador (MALINOWSKI, 1980).

2.1 ENTRANDO EM CAMPO

Como na experiência que Denise Martin (2003) teve em suas observações etnográficas sobre prostituição na cidade de Santos, as informações apresentadas durante a exposição desta dissertação são o resultado de 10 meses de trabalho de campo realizado observando prostitutas paraguaias e brasileiras. As observações transcorreram em período diurno e a quantidade de dias da semana dedicados a

elas variaram de acordo com as mudanças climáticas, já que em dias de chuva raramente as mulheres se dirigiam ao motel. Ao contrário da referida autora que pesquisou o tema nas ruas, boates e agências de *scort-girls*⁸, o curto espaço de tempo para conclusão do mestrado fez com que minha atenção tivesse que ser voltada a um grupo de estudo específico.

Durante o tempo mencionado, observei e interagi com 10 mulheres que utilizam como local de trabalho a frente de um motel em Foz do Iguaçu. Ao longo dos meses, em decorrência do constante convívio, desenvolvi uma relação estreita com a maioria delas, conquistada, sobretudo pelas afinidades relativas ao fato de todas serem mulheres, tal como ocorreu com Gaspar (1985).

Quando da elaboração do projeto de pesquisa para admissão no curso de mestrado, já tinha em mente possíveis grupos para servirem como objeto de estudo, assim, com a aprovação, minha primeira meta foi encontrar alguém que pudesse intermediar uma aproximação com as garotas de programa. Acredito que o fato de ser mulher tenha me impedido de levantar informações com conhecidos do sexo masculino, uma vez que, mesmo tendo ciência da minha necessidade, ninguém revelou conhecer alguma prostituta ou frequentar locais com este viés.

Por isso, inspirada pelo ótimo resultado que Martin (2003) obteve ao contar com a ajuda de uma agente comunitária de saúde na sua inserção em campo e no estabelecimento de uma relação de confiança com as prostitutas, optei por procurar pessoas que trabalhassem na área da saúde e que poderiam ter alguma proximidade com essas mulheres.

A princípio, entrei em contato via *e-mail* com a secretária de saúde de Foz do Iguaçu, a qual, após insistência de minha parte, recomendou-me que procurasse diretamente a unidade básica de saúde do bairro onde tinha interesse em desenvolver minha pesquisa. Segundo ela, a responsável por este posto já estava ciente das minhas necessidades e ali eu poderia encontrar ajuda das agentes comunitárias que cobriam essa região.

Entusiasmada com o retorno, achei que o primeiro passo já estava dado, no entanto, quando fui ao posto, surgiu um obstáculo nos meus planos. Diferentemente do êxito que Martin (2003) logrou ao contar com ajuda da equipe de saúde e da simpatia que estas sentiam pelas profissionais, não pude contar com tal assistência.

⁸ Agências de acompanhantes, geralmente para serviços sexuais.

A agente responsável por visitar as residências nas imediações do local onde as prostitutas faziam “ponto”, se recusou a ajudar, afirmando: *“eu não tenho como fazer isso, eu não atendo elas, nunca conversei com nenhuma, só passo por ali às vezes”*. Após argumentar com rispidez o motivo pelo qual não iria me ajudar e deixando transparecer a pressa que tinha em livrar-se de mim, deixou a sala. Não posso afirmar que a posição adotada por esta agente de saúde seja uma regra na cidade, porém, para a minha pesquisa foi um desapontamento.

Saí do local com um misto de sensações, indignada pelo fato dessas prostitutas serem ignoradas, e frustrada por não ter mais uma estratégia de aproximação. Refletindo sobre o ocorrido e tentando encontrar alguma alternativa caminhei em direção ao motel, estava muito cedo e, como esperava, não havia ninguém no local. Após alguns instantes parada em frente ao portão, receosa da recepção que poderia ter caso entrasse, fui a uma empresa próxima, na expectativa de sondar o ambiente.

Ir a essa empresa foi uma das melhores decisões que tomei durante a pesquisa, talvez não tenha determinado o andamento dela, mas com certeza me deu coragem para voltar ao motel. Ali consegui boas informações, o atendente conhecia o responsável pelo estabelecimento e tinha uma noção da movimentação das mulheres, depois de ouvir minhas intenções, me incentivou a voltar ao local, dizendo:

Vai lá, conversa com o Marcos, ele acabou de abrir o motel, ele é um cara gente boa, vai te atender. Daqui a pouco as meninas começam a chegar também, aposto que ele vai te ajudar a conversar com elas. O máximo que vai acontecer é elas falarem que não, mas alguma vai querer conversar, falar sobre a vida.

Depois deste incentivo retornei ao motel, quando atravessei o portão, Marcos estava no pátio, fumando. Após me apresentar, falei sobre a pesquisa e pedi se ele permitia a minha presença no local. Apesar de me olhar com estranhamento, ele foi bastante acessível e, por assim como eu, ser estudante, entendeu minhas motivações concordando que eu passasse a frequentar o estabelecimento, desde que me compromettesse a não expor nomes e imagens que pudessem identificar as pessoas ou o lugar. Como ele estava de saída, pediu que eu voltasse em dois dias, quando poderia apresentar-me às meninas. Enquanto isso, afirmou, iria “arrumando o terreno” para facilitar minha recepção.

2.2 APROXIMAÇÃO

No dia combinado retornei cedo ao motel, quando adentrei o portão encontrei uma senhora no pátio, pedi a ela se Marcos estava e ela gritou chamando por ele. Em seguida, Marcos saiu do interior do imóvel e veio ao meu encontro, conversamos por aproximadamente trinta minutos, nos quais ele me fez algumas perguntas e me explicou rapidamente o funcionamento do lugar, inclusive me passou algumas orientações sobre como deveria me comportar para evitar problemas, dizendo:

Tenta ficar do portão para dentro ao conversar com elas, se os clientes começarem a te ver ali na frente, logo vão te confundir e pode ser que alguma das mulheres não goste, vão achar que você tá atrapalhando o serviço delas e se isso acontecer vão te tocar daqui.

Mais tarde, quando as garotas de programa chegaram, Marcos foi comigo ao portão, me apresentou e disse que eu frequentaria o motel por um tempo, falou que eu estava fazendo uma pesquisa sobre prostituição e que gostaria que elas colaborassem comigo, assegurando que nenhuma seria exposta e que seus nomes verdadeiros seriam preservados. Na ocasião, todas as mulheres trabalhando no local eram paraguaias e por isso conversaram por alguns minutos em guarani⁹, sem se dirigir a mim ou a Marcos, até que uma se levantou e seguiu em direção à cozinha, acenando para que eu a acompanhasse.

No interior do motel tive uma breve conversa com a moça, chamada Fiorena¹⁰, era perceptível o seu desconforto com a minha presença, então apenas expliquei o motivo pelo qual estava ali e quais eram minhas intenções. Durante o tempo inteiro percebi que me analisava e que estava desconfiada, mas não se opôs a minha presença. Quando Fiorena saiu da cozinha, Marcos entrou dizendo: “*se ela falar com você, todas falam*”.

A desconfiança demonstrada pelas garotas de programa é compreensível e Goffman (1982), afirma que é durante esse tipo de encontro, entre normais e estigmatizados, que ambos os lados enfrentam as causas e efeitos do estigma. O fato do indivíduo estigmatizado não saber como será percebido, e em qual categoria

⁹ Desde 1992 o guarani é reconhecido como língua oficial do Paraguai, no artigo 40 da Constituição deste país, onde se estabelece que “el Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní” (PARAGUAY, 1992).

¹⁰ Nome escolhido em homenagem a avó que se chamava Fiorena e faleceu antes que entrasse para a prostituição.

será colocado, lhe provoca sentimentos de insegurança, causa-lhe a sensação de estar “em exibição”, como se todos os seus atos estivessem sendo analisados como sinais de sua capacidade.

Posso afirmar que tal consideração de Goffman (1982) realmente se aplica a situação por mim vivenciada, uma vez que a sensação de insegurança demonstrada pelas garotas tornaram os dois primeiros meses complicados, muitas vezes me senti “pisando em ovos”, elas me olhavam com receio e algumas nem me respondiam quando eu cumprimentava, meu sentimento de desânimo era similar ao descrito por Malinowski,

Lembro-me muito bem das longas visitas que fiz às aldeias durante as primeiras semanas; o sentimento de desânimo e desespero depois de terem fracassado muitas tentativas obstinadas, porém inúteis, de estabelecer um verdadeiro contato com os nativos e de coletar qualquer material. Tive períodos de desesperança, nos quais me enterrava na leitura de romances, do mesmo modo que um homem recorre à bebida num acesso de depressão e enfado tropical (MALINOWSKI, 1980, p. 41).

Tentando tornar normal minha presença, não forcei conversas e passei boa parte desse período a certa distância. Ao contrário do que fez Gaspar (1985), que percorreu boates em Copacabana, bem vestida e maquiada no intuito de ser confundida com as prostitutas, evitei chamar mais atenção no motel do que as mulheres. Sempre trajei roupas simples, não utilizei maquiagem e nem acessórios, ainda assim, fui informada pelos funcionários que elas tinham vergonha de ficar próximas a mim, por este motivo, evitavam entrar em ambientes nos quais eu estivesse. Dalva, uma das faxineiras que conheci no local, justificava a vergonha delas, “*você é bonita, tiene estudo, trabajo, elas se sentem inferiores*¹¹”.

Quando estava na recepção conseguia ver toda a movimentação do local, inclusive o comportamento das meninas na parte externa. Sempre que Marcos ou algum funcionário estava no pátio, me sentava ali também, mas reforçando a ideia de Goffman (1982) a respeito do encontro entre normais e estigmatizados, no início da pesquisa a observada fui eu, minha presença na área externa chamava atenção das garotas, que me olhavam repetidas vezes e falavam baixo, mesmo conversando em outra língua.

Quando começaram a me cumprimentar, passei a me dirigir ao portão puxando conversas sobre assuntos do cotidiano na intenção de que se

¹¹ Utilização de portunhol, como feito na maioria das conversas tidas comigo.

identificassem comigo. Sempre que levava algo para comer dividia com elas, dessa forma, foram ficando mais a vontade com a minha presença, fazendo perguntas a meu respeito e demonstrando curiosidade.

Certo dia me ofereceram uma cadeira e a partir desse momento a situação melhorou para o meu lado, à medida que as conversas foram nos aproximando, assuntos pertinentes à vida delas foram surgindo e diálogos que até então tinham em guarani, começaram a acontecer em espanhol ou em portunhol¹². Essas conversas banais levaram a uma aproximação interessante com algumas, as mais próximas passaram a me procurar para conversar. Criei um bom vínculo com Fiorena e Marta, as duas gostaram de mim, no entanto, não havia amizade entre elas, por isso, nunca conversei com as duas simultaneamente, ou era uma ou outra.

Sobre a aproximação, compartilho da opinião de Gaspar (1985) a respeito das dificuldades impostas pela minha condição de mulher, na certeza que a presença de um homem seria mais facilmente aceita pelo grupo e que intensificaria a representação das garotas na tentativa de conquistá-lo como cliente. Por outro lado, assim como no caso da referida autora, o fato de ser mulher me proporcionou uma ligação característica a pessoas do sexo feminino, com a possibilidade de falar sobre relacionamentos amorosos, moda, cuidados pessoais e problemas de saúde.

A semelhança entre minha apresentação e a das garotas, acrescida do fato de pertencermos à mesma faixa etária, de alguma maneira provocou nelas o sentimento de que fazíamos parte de um mesmo grupo de mulheres jovens, pondo em foco uma série de afinidades [...] chamou a atenção a repetição dos comentários sobre butiques onde também compro minhas roupas, as conversas minuciosas sobre o cuidado com o corpo, a ida metódica ao ginecologista, a relação com o namorado e com a família (GASPAR, 1985, p. 56)

As garotas de programa do grupo em que me inseri sempre compreenderam que eu estava ali com finalidades acadêmicas, mas nunca entenderam o meu interesse pela vida delas e pela prostituição, não se enxergavam como pessoas interessantes. O pensamento dessas mulheres sobre a significância da vida das prostitutas assemelha-se ao que tinha Monique Prada antes de escrever o livro *Putafeminista*.

¹² Segundo Mozzilo (2013), o portunhol é um sistema linguístico misto, onde os elementos do espanhol e do português encontram-se mesclados.

Se alguma vez na vida eu cheguei a ter vontade, vontade mesmo, de escrever um livro, a ideia de me aventurar pelos caminhos da ficção sempre me pareceu mais segura e confortável. Mas um tipo de ficção que nem de longe incluísse falar sobre a minha (ao menos o meu ver) desinteressante vida de puta (2018, p. 28).

A autodepreciação entre as garotas era tão expressiva que uma chegou a sugerir que eu inventasse qualquer coisa sobre elas, dessa forma não precisaria perder meu tempo indo ao motel.

2.3 LEVANTAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Ao longo da realização da pesquisa anotei detalhadamente no diário de campo tudo o que acontecia. Manter o diário foi fundamental para o desenvolvimento do estudo e Malinowski (1978) o considera um instrumento perfeito para quem desenvolve pesquisas etnográficas, devendo ser utilizado não apenas para registros de fatos costumeiros, mas também para documentação de qualquer fato que fuja a normalidade.

Corroborando desta ideia, Winkin (1998) declara que ter um diário de campo é indispensável para quem faz pesquisa etnográfica sendo imprescindível para todo antropólogo. Ele ainda acrescenta ao pensamento de Malinowski que o diário deve ser utilizado para a anotação de reflexões e frustrações ocorridas durante a pesquisa, devendo ser mantido com rigorosa disciplina.

No decorrer das observações também fiz do celular um fiel companheiro, no qual anotava tudo o que acontecia e todas as informações que me eram repassadas. Anotar no celular foi uma opção para que as garotas não se sentissem vigiadas, visto que carregar uma caderneta o dia todo causava estranheza por parte delas, assim, ao retornar para casa, abria o arquivo de texto do aparelho e a mão passava tudo para o diário. De acordo com Winkin (1998), anotar tudo no diário de campo é importante, pois é dele que o pesquisador retira elementos para inserir em seu relatório final.

Na intenção de não direcionar as garotas, nesta pesquisa não foram realizadas entrevistas, o fato das mulheres residirem em outro país e da maioria esconder da família o que faz, também foi um empecilho para isso. Martin (2003) passou por situação semelhante, pois para a maioria das mulheres envolvidas em

seu trabalho, a prostituição era uma atividade clandestina, o que tornava impossível realizar entrevistas nas casas delas sem levantar suspeitas.

Outro obstáculo para a realização de entrevistas foi o fato de que quando estavam no Brasil às prostitutas tinham como objetivo ganhar dinheiro, e muitas vezes, até o almoço realizavam na frente do motel para não perder a chance de fazer um programa, dessa forma, dispender tempo para longas conversas poderia acarretar em prejuízo a elas e tornar minha presença no local indesejável.

A coleta de dados do presente estudo se baseou então nos diálogos individuais e grupais que tive com elas e também nas observações realizadas. Cheguei a gravar algumas conversas, mas isso não foi produtivo, ao pedir autorização para gravar alguns diálogos que tínhamos, as falas se alteravam totalmente, elas mudavam de posição nas cadeiras e falavam pouco, pareciam se sentir intimidadas. Gravar as falas com certeza teria facilitado a coleta de dados caso as garotas se sentissem à vontade com o aparelho por perto, como não era o caso, mantive o árduo trabalho de escrever e depois reescrever minhas observações, tendo o mencionado por Winkin (1998) sobre etnografia como regra.

Os estudantes a quem propus esse método de trabalho aparentemente muito trabalhoso, muitas vezes tentam escapar dele levando a campo um gravador, uma máquina fotográfica ou até uma câmera de vídeo. Eu sempre os desencorajo. A observação deve primeiro passar pelo trabalho a olho nu, pelas anotações feitas mais ou menos às pressas em campo e pelas longas reescrituras no diário, à noite [...] Só muito mais tarde, bem estabelecidos em seu sítio, vocês poderão eventualmente gravar seus dados (1998, p. 139).

Diversos assuntos foram abordados no decorrer dos meses: família, o desconhecimento deles sobre a prostituição, preconceito, saúde, dinheiro, clientes e o cotidiano de cada uma. Os assuntos surgiam de forma natural e procurei aproveitar os diálogos entre elas para emendar perguntas e esclarecer dúvidas, nunca iniciando um assunto sem ter um elo prévio de ligação. Quando tinha a intenção de direcionar a conversa para algum assunto em específico, fazia como Gaspar (1985), proferia algum comentário sobre experiências pessoais ou de conhecidos para que naturalmente elas dessem sequência ao diálogo.

Devido a minha convivência com as garotas, pude acompanhar de perto como ocorria a interação com os clientes, a negociação ou não de valores, o comportamento dos transeuntes que circulavam em frente ao motel, assim como o

parecer sobre o desempenho dos clientes que acabavam de atender, sendo desnecessário ficar questionando-as. O processo de observação e convivência com elas resultou no levantamento de dados acerca da prostituição que serão relatados posteriormente.

2.4 DIFICULDADES DA PESQUISA

Além das dificuldades iniciais de inserção e aproximação inerentes a qualquer pesquisa etnográfica, ao longo do processo outras contrariedades se apresentaram, algumas esperadas, como os julgamentos, outras não tanto. Em campo, o primeiro grande obstáculo à pesquisa foi à utilização da língua guarani nas conversas entre as garotas. Quando comecei a observação o grupo era composto apenas por paraguaias e todo e qualquer diálogo entre elas era feito em guarani, só utilizavam espanhol ou português nas conversas com clientes ou com os empregados do local. Nas primeiras vezes em que estive no motel, acreditei que o uso da língua guarani estivesse ocorrendo devido a minha presença e que isso era uma estratégia para que eu não as entendesse, mas com o passar dos dias, pude perceber que mesmo quando estava à distância, as garotas mantinham a conversa na língua do seu país e que isso era hábito delas, fato confirmado pelos funcionários do estabelecimento.

Ao longo das observações e das conversas que tive com as garotas, apurei que a utilização da língua guarani era vista pelas paraguaias como uma questão de identidade, referência ao orgulho da descendência indígena da maioria delas. Quando as questioneei sobre o hábito, recebi respostas como: “é porque é a língua que representa o Paraguai né, é o que a gente é de verdade” ou “por amor ao meu país eu prefiro falar guarani”.

As afirmações apresentadas pelas mulheres reforçam o pensamento de Hall (2006, p.40), quando afirma que “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Mesmo compreendendo o significado da língua para as garotas, a utilização do guarani dificultava minha aproximação, fato que deixou de existir com o passar dos meses, devido à entrada de duas novas garotas, uma paraguaia que

só conversava em espanhol e uma brasileira que não entendia guarani, tal inserção forçou a utilização do português predominantemente.

Lidar com as mentiras por parte de algumas garotas também foi complicado, pelo menos no início da pesquisa quando não as conhecia, às vezes voltava para casa acreditando ter obtido um dado importante e dias depois descobria que nada era verdade. Conforme fui conhecendo as personagens e percebendo os sinais das farsas contadas, eu mesma criava artifícios para descobrir a veracidade das informações. A mentira não foi um problema exclusivo do meu trabalho, também foi um problema enfrentado por Gaspar (1985), que ao longo de sua pesquisa percebeu várias contradições nos fatos narrados pelas garotas de programa, tendo a impressão de que sempre lhe eram apresentadas histórias preparadas.

No caso da prostituição, a história de vida alterada não é apenas um relato circunstancial solicitado em certo momento pelo antropólogo ou por alguém mais, mas antes um recurso rotineiro de trabalho. E, nesse sentido, foi contada e recontada várias vezes em cada encontro. Ela é repetitiva, pois trata-se de uma história de vida paradigmática. É uma narrativa que parece desempenhar o papel de um texto (*script*) de uma mulher/personagem fraca, que por força do destino encontra-se nessa situação e necessita de proteção ou auxílio econômico. O relato enfatiza a posição inferior da mulher e a situação conjuntural de extrema fraqueza, que obriga a se dedicar à prostituição, atividade que ela repudia (GASPAR, 1985, p. 93).

Outro obstáculo bastante grande com o qual foi necessário ter jogo de cintura foi a fofoca. Durante todos os meses o que mais percebi no ambiente foi a existência desse costume, era difícil conversar com alguma das garotas sem ouvir reclamações ou informações duvidosas sobre as demais mulheres. Muito cuidado foi necessário para não criar problemas com elas, em hipótese alguma fazia qualquer tipo de comentário sobre quem quer que fosse ou sobre algo que me contavam. Ser colocada no meio de alguma intriga poderia significar o fim do meu trabalho.

Visões de mundo diferentes e posicionamentos contrários são comuns na vida em sociedade e mesmo nela por vezes criam desavenças entre as pessoas. No entanto, ao se desenvolver uma pesquisa etnográfica, passar por cima do que se acredita é verdadeiramente difícil, parece machucar a alma. Em certos momentos ouvir ou presenciar certas coisas doeram em mim mais que uma bofetada e tornaram minhas observações psicologicamente penosas. Diversas vezes voltei para casa desanimada, sem vontade de retornar ao campo de pesquisa, sendo necessário pensar que me posicionar prejudicaria unicamente a mim.

Em algumas ocasiões, a fim de digerir o vivenciado, foi necessário dar uns dias de pausa antes de retomar as observações, e assim como Laplantine (2012) que controlou o sentimento de repugnância em alguns momentos em que realizava estudo sobre a preparação de jovens para o casamento na região sul da Tunísia, controlei os meus sentimentos e segui em frente. Finda esta etapa, no próximo capítulo entrarei diretamente no resultado da pesquisa, partindo de uma caracterização do local e apresentação dos personagens, até a análise dos diálogos e observações presenciados.

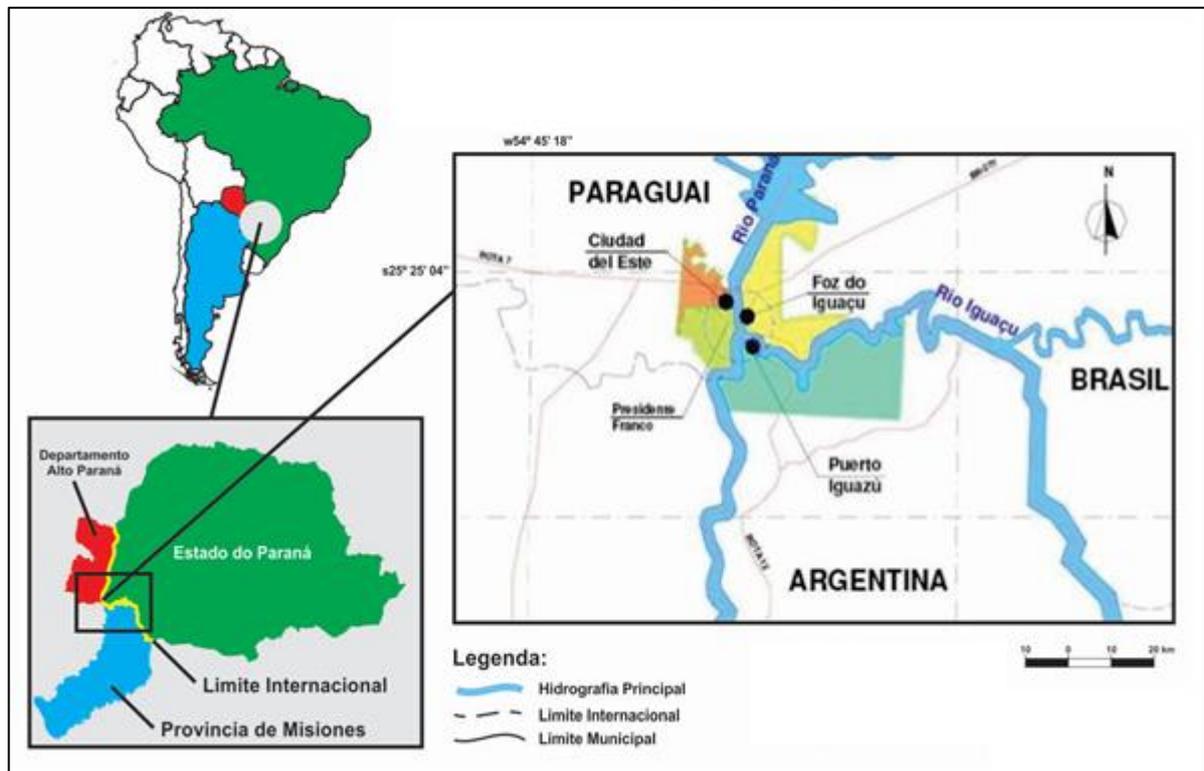
3 FOZ DO IGUAÇU – TERRA DA PLURALIDADE

Foz do Iguaçu é um município do interior do Paraná, situado no extremo Oeste do Estado. É um dos destinos turísticos mais visitados no Brasil, sendo conhecido internacionalmente pelos seus atrativos como as Cataratas do Iguaçu e a Usina Hidrelétrica de Itaipu. A cidade se encontra na região conhecida como Tríplice Fronteira, que pode ser entendida como:

Um espacio más allá de los límites jurídicos de las fronteras de los tres países [...] Así, lo que conocemos como Triple Frontera es un espacio imaginado como zona de intersección entre Paraguay, Argentina y Brasil. Su existencia se circunscribe a tres ciudades pertenecientes respectivamente a los tres países, Ciudad del Este, Puerto Iguazú y Foz do Iguaçu y a los tránsitos y flujos que permiten los puentes y pasos fronterizos existentes entre ellas (MONTENEGRO; BÉLIEVEAU, 2006, p. 15-17).

No mapa seguir podemos identificar com maior precisão a localização da referida Tríplice Fronteira:

FIGURA 1 – MAPA DA TRÍPLICE FRONTEIRA



FONTE: Escobar.

Embora o Brasil possua outras regiões de tríplice fronteira, para Dreyfus (2007) a que abrange Brasil, Paraguai e Argentina, possui um sistema diferenciado quando comparado às demais, pois não se trata apenas de territórios vizinhos em uma linha de fronteira, as cidades dessa região apresentam diversos aspectos em comum, como os econômicos, culturais, geográficos e de segurança.

A diversidade chama atenção nessa região, o fluxo constante de pessoas coloca em contato indivíduos com línguas, valores e costumes diferentes. As particularidades da cidade de Foz do Iguaçu a caracterizam como um local de pluralidade cultural. Assim como o Brasil é caracterizado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em Foz do Iguaçu coexistem:

Culturas singulares, ligadas a identidades de origem de diferentes grupos étnicos e culturais. Essa composição cultural tem se caracterizado por plasticidade e permeabilidade, incorporando em seu cotidiano a criação e recriação das culturas de todos esses povos, sem diluí-las, ao mesmo tempo que permite seu entrelaçamento. Nesse entrelaçamento de influências recíprocas, configura-se permanente elaboração e redefinição da identidade nacional, em sua complexidade (BRASIL, PCN, 2001. v. 10, p. 24).

Para Baller (2014), a presente pluralidade encontrada no município e a facilidade de locomoção entre Brasil e Paraguai evidencia a diversidade das práticas realizadas pelas pessoas, tanto que nas ruas do município é notória a presença de estrangeiros trabalhando, principalmente a de paraguaios vendendo diversos tipos de mercadorias. Neste contexto, chama atenção a presença significativa de mulheres paraguaias que se prostituem pela cidade, geralmente nas proximidades de motéis.

Embora a prostituição também possa ser encontrada em outros ambientes do município, como boates, bares e páginas da internet, a prostituição de rua, em Foz do Iguaçu, desperta interesse pela peculiaridade. Espalhados pela cidade, os motéis constituem um chamariz para mulheres e travestis que “ganham a vida” comercializando sexo.

Ao longo do dia e da noite é possível encontrar prostitutas nas imediações desses estabelecimentos, sendo que no período diurno a concentração de paraguaias é expressiva. Tal característica ocorre devido a uma divisão de horários imposta pelas brasileiras, que costumam ocupar espaço nas ruas a partir da metade

da tarde. A fim de evitar brigas e garantir o “ganha-pão”, as paraguaias costumam respeitar a informalidade dos horários estabelecidos.

Tendo em vista a dispersão territorial da prostituição de rua na cidade e também a diversidade de indivíduos que compõe os agentes da prostituição local, optou-se no presente estudo pelo direcionamento a um grupo específico, constituído em sua maioria por mulheres paraguaias que utilizam como local de atuação a frente de um dado motel em Foz do Iguaçu, não podendo, portanto, servir como parâmetro classificatório para outros locais onde se observam ações semelhantes.

3.1 PALCO: O MOTEL BELIZE

A presente etnografia foi realizada no interior do motel Belize, assim como na rua em frente ao estabelecimento, sendo estes espaços então considerados para esta pesquisa como o “palco”, pois de acordo com ideia desenvolvida por Goffman (2009) é onde ocorrem as interações. Dada a importância do palco para a representação, convém detalhar o espaço a fim de que seja possível projetar mentalmente a imagem do local.

O motel está localizado no perímetro urbano, nas proximidades de uma movimentada rodovia federal. Em frente ao Belize não se encontra nenhum estabelecimento, apenas um lote baldio ocupado pelo mato. Apesar de estar localizado em uma quadra residencial, os demais imóveis foram construídos voltados para as ruas laterais, não sendo, portanto, necessária à circulação dos moradores em frente ao estabelecimento. As características do entorno onde se situa o motel garantem privacidade aos seus usuários, que costumam ser avistados unicamente pelas prostitutas e pelos funcionários do local, podendo entrar no recinto despreocupadamente.

Diferente da maioria dos motéis que encontramos, esse não possui uma edificação chamativa. Na época em que foi construído, a atividade não era vista com “bons olhos” pela população local. Quem investia nesse tipo de negócio optava por construir imóveis discretos e ainda hoje ele continua assim, não possui letreiros, nem placas, não fosse a palavra “motel”, pintada no muro e a presença das prostitutas na frente, certamente passaria despercebido.

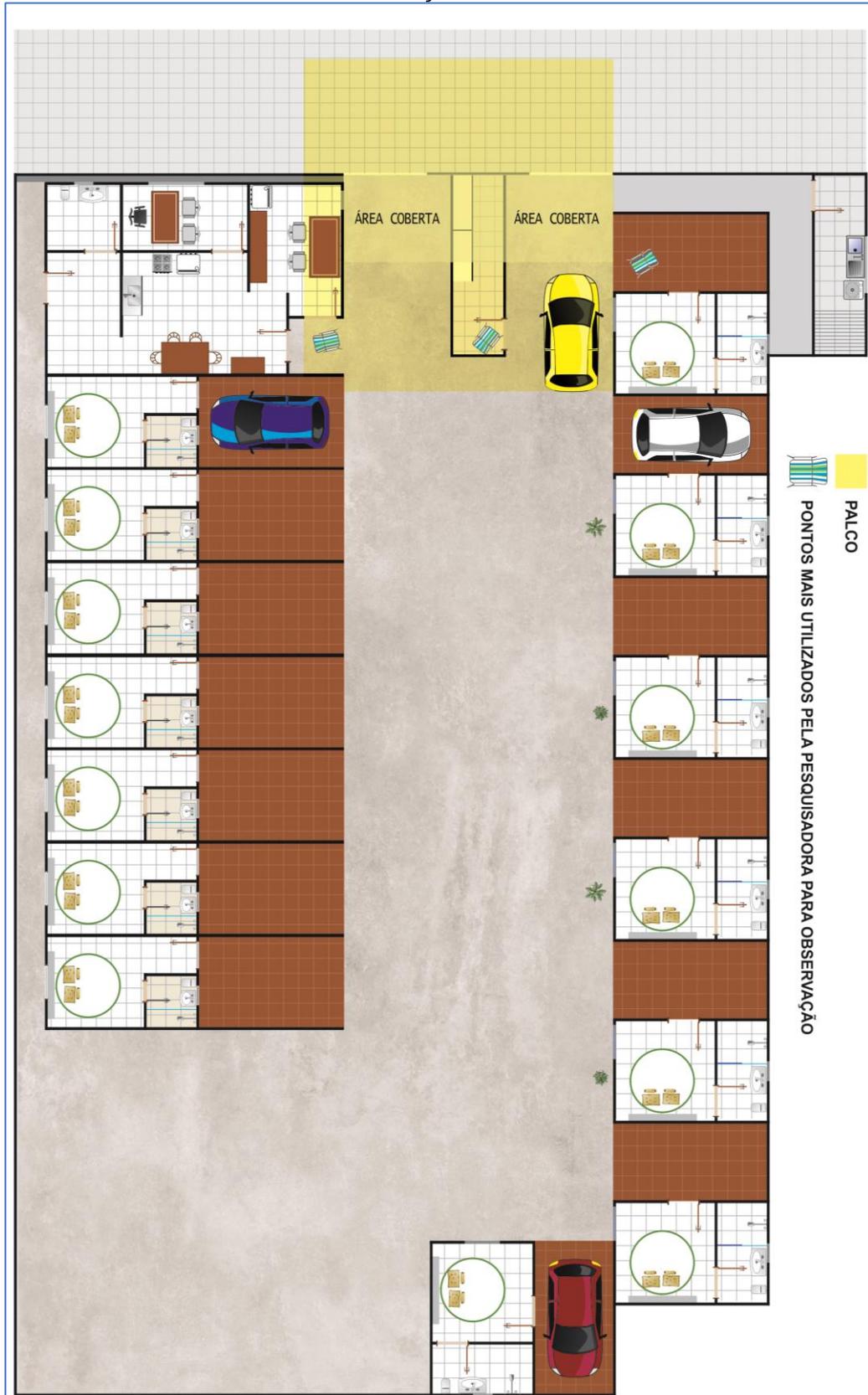
Segundo informação levantada na pesquisa, o Belize foi um dos primeiros motéis da cidade, estando em posse dos atuais proprietários desde 1985. Na época em que o empreendimento foi adquirido pela família era um negócio rentável, a circulação de homens provenientes de diversas partes do país era grande devido à finalização da construção da Hidrelétrica de Itaipu, o que estimulava também a movimentação de prostitutas oriundas de outras cidades e países fronteiriços.

Até o começo da década de 1990 o negócio foi tão lucrativo que filas se formavam para a utilização dos quartos, havendo a necessidade de distribuição de senhas. Nesse período o motel não contava com a presença de prostitutas nas imediações, mas a proximidade com uma boate garantia grande fluxo na locação dos quartos, assim como o fato do Belize ser um dos poucos motéis da cidade.

Após esse período outros motéis foram construídos e a boate encerrou as atividades, alterando significativamente a movimentação e o lucro do estabelecimento, que passou a sobreviver de locações realizadas por particulares ou pelos clientes das prostitutas que passaram a fazer “ponto” nas ruas adjacentes. Mesmo não tendo mudado de dono desde 1985, com a sua decadência, ele passou a ser alugado para outras pessoas, tendo retornado apenas em 2015 para a administração da família.

Para favorecer a compreensão do funcionamento do local e disposição dos ambientes, na Figura 2, pode-se observar uma planta do motel. O desenho não obedece padronizações métricas e escalas, sendo que o seu desenvolvimento visa unicamente facilitar a compreensão por parte do leitor. Como dito anteriormente, o motel é uma construção antiga, não tendo passado por uma reforma significativa, apenas alguns reparos de manutenção. As constantes locações da propriedade e a falta de cuidado dos locatários para com sua conservação fizeram com o que o imóvel fosse se deteriorando, logo na entrada é possível identificar a precariedade do espaço, com parte dos beirais pendurados e pintura desgastada. A portaria sem recursos tecnológicos torna o seu funcionamento ultrapassado, exigindo que o recepcionista se dirija até o quarto para receber, no caso do cliente não querer ser visto, deixa o valor do aluguel com a prostituta que repassa para a recepção.

FIGURA 2 - ILUSTRAÇÃO DO MOTEL BELIZE



FONTE: Lorenzi.

O motel conta com diversos cenários, entre os quais, se destacam os quartos, ambientes mais utilizados pelas atrizes protagonistas, as prostitutas. No total são 14 quartos, entretanto, apenas oito estão em condições de uso. Os disponíveis para locação são todos iguais, contam com vaga na garagem e banheiro, são simples, mas “arrumadinhos”, pintados com cores fortes, como vermelho, verde e laranja, possuem ar condicionado e espelho no teto.

A cama é redonda com base em couro sintético verde e os lençóis utilizados são brancos, atrás delas existe uma cabeceira estofada em couro sintético vermelho, que funciona também como uma espécie de criado mudo, onde o cliente encontra preservativos à disposição. A televisão é programada para ligar diretamente em canais de conteúdo pornográfico. No banheiro, os clientes encontram toalhas brancas, sabonetes e chinelos – estes em pares trocados e com cortes para que não sejam roubados.

Como o quarto não dispõe de frigobar, qualquer bebida a ser consumida deve ser solicitada na recepção, sendo que o preço cobrado por elas é o usual de qualquer mercado popular. Recentemente o proprietário instalou globos com luzes coloridas na intenção de tornar o ambiente mais atraente, porém a novidade não agradou os clientes mais velhos, que afirmaram sentir tonturas devido à movimentação das luzes.

Além dos quartos, também fazem parte do imóvel os seguintes cenários: recepção, cozinha, escritório, lavanderia e banheiro comum. Esses espaços são os mais precários do motel, como não são áreas vistas pelos clientes nunca passaram por reformas e os móveis que os compõe são bastante velhos.

A recepção é um espaço grande, ali, além de se controlar o aluguel dos quartos, também se guarda os itens necessários para a manutenção dos serviços, como lençóis, cobertores, toalhas, preservativos, bebidas, materiais de limpeza e higiene pessoal. O ambiente conta com dois aparelhos de televisão, um onde se pode assistir emissoras de televisão aberta e outro onde se pode observar as imagens das câmeras de segurança instaladas no estabelecimento.

O aspecto da cozinha não difere muito da recepção, conta com fogão, geladeira, mesa de quatro lugares, pia e um armário de metal onde as mulheres podem guardar seus pertences. Todos os móveis estão velhos e, em péssimo estado. Esporadicamente a cozinha é utilizada pelas prostitutas na hora do almoço.

O escritório permanece trancado na ausência de Marcos e, adentrei este recinto apenas uma vez na companhia dele. Além de ter mesa e cadeira, esta sala também é utilizada como um depósito particular.

O banheiro comum possui vaso sanitário e pia, o piso apresenta irregularidades e alguns encanamentos estão expostos. Sua utilização é feita pelos funcionários, não sendo permitido que as prostitutas o utilizem.

O último ambiente, a lavanderia, é um espaço localizado na lateral do motel e pode ser descrito como um “puxadinho” onde se encontra uma máquina industrial de lavar roupas e diversos varais para pendurar toalhas e lençóis, que depois de secos são passados na recepção.

Ninguém reside no motel. Eventualmente pode ocorrer de alguma das prostitutas passar a noite ali, geralmente quando estão com algum problema em casa. O horário de funcionamento do estabelecimento é de segunda a sábado, das 8 às 18 horas, mas como a maioria das mulheres é de origem paraguaia, às 16 horas a maioria já retornou ao outro lado da fronteira.

O único dinheiro que o motel ganha é proveniente do aluguel dos quartos e das ocasionais vendas de bebidas, então, o que garante o lucro do local é a presença das prostitutas ali. Como as mulheres não trabalham todos os dias, o único acordo que o proprietário tem com elas é que se organizem para que ao menos duas estejam presentes, no entanto, o acordo não funciona, em várias ocasiões nenhuma aparece para trabalhar.

O dinheiro recebido pelos programas é exclusivo das garotas e o proprietário do estabelecimento não cobra nenhuma taxa delas, ciente de que embora a prostituição seja uma profissão legalmente reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros é considerado crime de acordo com o artigo 230 do Código Penal.

Como as prostitutas ficam sentadas em frente ao portão, quase todos os programas são feitos no motel, porém nada impede que eventualmente elas acompanhem o cliente para outro lugar, caso seja de preferência dele. O responsável pelo estabelecimento garante que, mesmo não tendo nenhum vínculo com as mulheres, presta atenção para que nenhuma menor de idade fique em frente ao local, ainda que o documento de identificação confirme a maioridade, pois, segundo ele, documentos podem ser falsificados e ele prefere evitar problemas.

Diferentemente de outros estabelecimentos onde ocorre prostituição, motéis não são habitualmente locais projetados para a exposição de pessoas e costumam seguir certo padrão arquitetônico no intuito de garantir privacidade, como muros altos e portões de entrada e saída. O motel Belize também se enquadra nessas características, a presença inicial de prostitutas nas imediações do motel foi totalmente ocasional e se dava a uma distância significativa (pelo menos 100 metros). Qualquer tentativa de aproximação por parte das prostitutas era repelida e apesar de render lucros ao motel, o antigo locatário do espaço não queria ser vinculado a essa prática.

Em 2015, o locatário desistiu de trabalhar no negócio e devolveu o imóvel ao dono que repassou ao filho mais novo a administração. Com a mudança as prostitutas foram se aproximando, ganharam permissão para usar o banheiro, pegar água, trocar de roupa e almoçar nas suas dependências, aos poucos elas acabaram por ocupar a frente do motel, podendo ali se abrigar do sol e da chuva. Sobre essas permissões Marcos demonstra certo arrependimento ao dizer:

Eu achava que o inquilino daqui era muito ruim com elas, até água negava, aí quando vim aqui pra cuidar do motel dei algumas facilidades pra elas, mas hoje acho que ele é que tava certo, elas não dão valor pras coisas, saem daí e deixam lixo jogado na frente do portão, não enchem as garrafas de água, já até falei que ia tocar elas daqui, mas não adianta, elas não mudam.

A possibilidade de ficar em frente ao motel além de protegê-las das intempéries do tempo também significa mais segurança do que quando ficavam às margens da rodovia, pois a presença de outras pessoas e de câmeras inibe possíveis assaltos e casos de violência.

A rua que fica em frente ao estabelecimento é curta e os veículos que por ali circulam andam em baixa velocidade, aproveitando-se dessa característica, as prostitutas posicionam-se em frente ao motel de forma que possam ser vistas tanto por quem passa por ali, como por quem transita nas ruas laterais. Interessante observar o comportamento das pessoas ao avistá-las, mulheres e homens acompanhados por mulheres, passam reto, fazem de conta que não estão vendo as prostitutas, já a maioria dos homens que passam, sozinhos ou em grupo, reduzem a velocidade para enxergá-las melhor.

3.2 COMPONENTES DA TRAMA

Durante o desenvolvimento da pesquisa, diversos foram os atores em cena. Além das prostitutas, circularam pelo ambiente, recepcionistas, faxineiras, clientes, o administrador do local e seus familiares, alguns vendedores e prestadores de serviços. Nos tópicos a seguir, os atores mais relevantes para a dramatização serão apresentados.

3.2.1 Principal informante: o administrador

Marcos ou Dom¹³ Marcos como é chamado respeitosamente pelas mulheres, é o atual administrador do motel, assumiu o negócio depois que o último locatário entregou o imóvel. É filho dos donos, que não cuidam mais do local devido à idade avançada. É casado, tem filhos e estuda durante o dia, mesmo não estando presente o tempo todo no estabelecimento, foi o principal informante e colaborador na aproximação com as garotas.

Administrar o motel não é algo que ele goste de fazer e apesar de achar normal trabalhar neste ramo, não sente orgulho de falar sobre isso. Para Marcos ainda existe muito julgamento por parte da sociedade, principalmente neste caso, onde existe a presença de prostitutas. O fato de gerenciar o motel costuma lhe obrigar a ouvir piadas maliciosas, o que atesta a ideia de que “em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social” (GOFFMAN, 1982, p. 57). Na tentativa de se livrar do estigma, tem planos de, em breve, transformar o estabelecimento em outro empreendimento.

3.2.2 A figuração dos funcionários

Ao longo dos meses em que estive presente no ambiente pesquisado, vários foram os funcionários que circularam por ali, ocupando as vagas de recepcionista e faxineira. A vaga de recepcionista sempre foi ocupada por homens, na tentativa de

¹³ Vocativo utilizado pelas paraguaias em sinal de respeito.

evitar qualquer tipo de assédio por parte dos clientes, já que é necessário que quem realiza tal função se dirija aos quartos constantemente, para entregar bebidas ou receber o aluguel.

Conheci três recepcionistas nesse período, Tiago, João e Leandro. Tiago ficou preso durante alguns meses por tráfico de drogas e Marcos contratou-o na tentativa de ajudá-lo a sair dessa vida. Quando o conheci parecia empolgado, falava em voltar a estudar, mas em pouco tempo começou a ter problemas com traficantes, as faltas se tornaram frequentes e acabou sendo demitido, pois Marcos temia que pudessem aparecer no motel para “acertar as contas” com ele.

João tinha 55 anos e não ficou muito tempo trabalhando no local. Cumpria horário, mas pensava que todas as mulheres o desejavam. Foi demitido quando tentou agarrar à força Gisele, uma das faxineiras.

O último recepcionista que conheci foi Leandro, rapaz trabalhador, de origem humilde e com um bebê recém-nascido. O rapaz foi acolhido por Marcos como um filho, recebendo ajuda em diversas situações difíceis. Também foi um importante informante para minha pesquisa, pois já havia trabalhado no motel em outra ocasião e conhecia parte das garotas há algum tempo.

Faxineiras, também foram três as que conheci durante a pesquisa. Dalva, Gisele e Luana, além de outras que fizeram a limpeza por poucos dias, todas de origem paraguaia. O dono do motel e pai do atual administrador, Antônio, acredita que contratar paraguaias é bom para eles e para elas, já que:

Elas são muito pobres, a Dalva mesmo quando chamamos para trabalhar aqui praticamente passava fome, e os brasileiros não querem trabalhar, cada pouco faltam, então eu considero estar fazendo uma ajuda humanitária.

Dalva era cheia de curiosidade com a minha presença, mas logo percebi que deveria ter cuidado com ela, pois toda vez que acontecia alguma confusão por causa de fofoca ela estava envolvida. Vivia me sondando, fazendo perguntas que poderiam me complicar com Marcos e me passando informações desencontradas, com medo de comprometer minha permanência no local, eu lhe dava respostas evasivas. Dalva aparentava ser uma mulher sofrida e sempre que se referia as prostitutas, falava mal do trabalho delas, até que um dia deixou escapar a seguinte frase: “*eu já trabalhei que nem elas aí na rua, pero depois que tive mis hijos não quis*

mais saber dessa vida”. Ao perceber o que tinha falado, mudou de assunto rapidamente, pretendia abordar esse ponto com ela em outra ocasião, mas não teve tempo, ela se envolveu em uma briga com duas das prostitutas e abandonou o trabalho.

As duas últimas faxineiras, Gisele e Luana, são irmãs. Luana substituiu Gisele depois que esta arrumou um emprego melhor no Paraguai. De comportamento bastante semelhante, o diálogo com elas sempre foi curto. Eram extremamente caladas e sérias, inclusive com os colegas, passando boa parte do dia com fones nos ouvidos. As irmãs evitavam circular próximas ao portão, para não serem confundidas com as prostitutas; também não tinham amizade com elas.

3.2.3 Clientes: a razão de existir da prostituição

De acordo com informações passadas pelas garotas, grande parte dos clientes são casados, possuem mais de 50 anos e procuram por sexo pago durante a semana, em horário comercial.

Parcela significativa desses homens é composta por caminhoneiros provenientes de outras localidades, que costumam estacionar o veículo nas imediações do motel e se dirigir até ele a pé, onde negociam os programas com as prostitutas. A despreocupação desses indivíduos ao entrar e sair do local possivelmente está associada ao fato de não serem conhecidos na cidade. Não raro, estão sujos e são aconselhados por elas a tomar banho antes de qualquer relação.

Quanto ao comportamento dos clientes que residem em Foz do Iguaçu é possível dividi-los em dois grupos com níveis distintos de cautela. Os extremamente cautelosos, além de adentrar o estabelecimento quando não há movimentação na rua, utilizam carros com vidros escuros e pagam o aluguel do quarto diretamente para a garota, evitando assim que os funcionários o vejam. O outro grupo é formado por homens que também tomam algumas precauções, mas não tantas, se caracterizando mais pela atenção que prestam ao seu entorno. Esses entram e saem rápido do motel, olham bem para os lados antes de qualquer comunicação com as garotas, fazem programas curtos, mas muitas vezes entram com uniformes ou carros identificados com propagandas de empresas da cidade.

O aspecto principal de boa parte dos programas é a rapidez, dificilmente um cliente permanece mais que 30 minutos dentro do quarto, como pode ser observado na Figura 3.

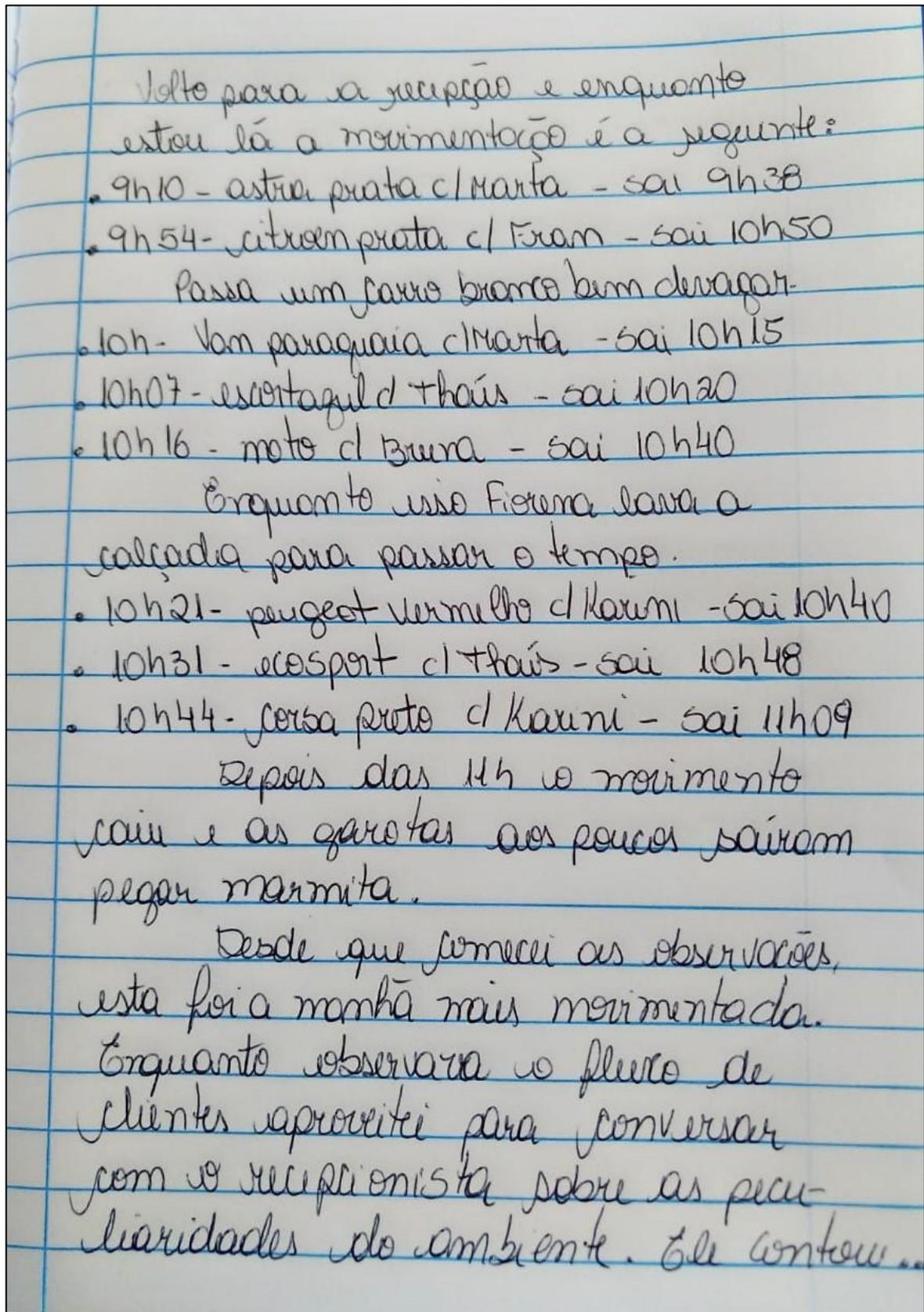
As garotas costumam utilizar de artifícios para acelerar a relação, liberando-as assim rapidamente para outros programas. Raquel é a recordista de tempo, às vezes em 10 minutos o cliente até saiu do local, sobre isso ela diz: *“eu aperto pra o cliente gozar rápido, así ganho mais”*.

Os homens que ficam mais tempo na companhia das prostitutas geralmente tem uma relação de amizade com elas e aproveitam o tempo de aluguel do quarto para conversar. Nessas situações costumam pagar um valor maior para as mulheres, como acontece frequentemente com Marta, que atende vários clientes com quem diz manter amizades.

É bastante usual as prostitutas serem confidentes. Com certeza, por serem pagas e consideradas pessoas à margem da sociedade, elas são procuradas como conselheiras de problemas que não podem ser resolvidos e discutidos no grupo de origem do cliente. São consultadas para resolver problemas com os familiares e problemas de impotência ou incapacidade, quando a satisfação sexual só é obtida através de fantasias que as garotas estão dispostas a representar (GASPAR, 1985, p. 107).

Para as prostitutas, o fato de serem procuradas pelos homens tem algumas explicações. No caso dos clientes mais velhos, que possuem casamentos duradouros, muitas vezes não existe mais sexo no relacionamento com a esposa, mas o sossego e segurança da vida de casado faz com que para satisfazer seus desejos sexuais busquem por prostitutas, ao invés de enfrentar uma separação e procurar uma nova parceira. Por esse motivo, elas acreditam desempenhar um papel importante na manutenção das famílias, visto que os clientes não enxergam o sexo com elas como uma traição à esposa.

FIGURA 3 – TRECHO DO DIÁRIO DE CAMPO



FONTE: Lorenzi.

No caso de clientes mais jovens, outra razão apontada por elas para que os homens contratem seus serviços se dá quando a esposa se recusa a determinadas práticas sexuais, dessa forma, o homem procuraria fora o que não consegue em casa. Sobre isso Marta afirma que:

As vezes eles têm problemas no casamento ou porque as esposas no gostam así, no fazem así, e se o homem no tiene em casa consegue fora. Lo mesmo acontece com a mujer, se a mujer no tiene carinho em casa, ela acha fora quem dê, por isso a conversa é fundamental para um casamento durar, saber o que o marido ou a mujer gostam.

As mulheres citam também, que alguns clientes as procuram devido aos gostos peculiares. Estes homens não se imaginam contando para as esposas suas fantasias e se sentem envergonhados por seus desejos, como é o caso de alguns que gostam de apanhar, desejam fazer sexo com duas ou mais mulheres ou até mesmo sentem prazer em receber carinhos em partes específicas do corpo. Nestes casos, o cliente procuraria prostitutas para manter a aparência, não correndo assim, riscos de ter seus fetiches descobertos ou a sua masculinidade questionada.

3.2.4 O protagonismo das garotas de programa

No decorrer do período de tempo em que realizei a pesquisa, conheci no motel 10 prostitutas, com os seguintes nomes de guerra¹⁴: Fiorena¹⁵, Paola¹⁶, Bruna¹⁷, Thaís¹⁸, Marta¹⁹, Carla²⁰, Fran²¹, Karine²², Raquel²³ e Maísa²⁴. As personagens foram rotativas ao longo do trabalho, sendo que algumas saíram antes do término das observações e outras entraram durante sua realização. Deste total,

¹⁴ Os nomes utilizados para esta dissertação foram escolhidos pelas garotas e são usados por elas no palco.

¹⁵ Nome da avó já falecida, utilizado em sua homenagem.

¹⁶ Nome escolhido por achar a atriz "Paolla Oliveira" uma mulher muito bonita.

¹⁷ Optou por este nome, pois o acha bonito, gostaria que fosse seu nome verdadeiro.

¹⁸ Nome escolhido por ser considerado bonito.

¹⁹ Este nome foi escolhido pela garota de programa, pois é como se chama uma mulher da qual ela não gosta.

²⁰ Primeiro nome que veio a cabeça quando começou a se prostituir.

²¹ Afirmou ter escolhido este nome por ser bastante usual entre garotas de programa.

²² Usa este pseudônimo, pois é o nome que seu pai gostaria de ter registrado quando nasceu, porém, a mãe não concordou.

²³ Nome escolhido a partir da novela "Mulheres de Areia", onde Glória Pires interpretou Ruth e Raquel.

²⁴ Nome escolhido por ser considerado bonito.

Maísa era a única brasileira, sendo as demais de origem paraguaia, residentes no país vizinho nos municípios de Minga Guazu, Presidente Franco e Cidade do Leste.

A rotina dessas mulheres se repetia diariamente, ao chegar ao motel, cada uma pegava uma cadeira e sentava em frente ao portão, ali retocavam a maquiagem, falavam no celular, ouviam música e conversavam. As línguas utilizadas durante os diálogos foram o guarani, principalmente no início da pesquisa, o português e o espanhol. Elas não compareciam todos os dias para trabalhar, tanto a frequência quanto o comportamento das garotas foi bastante variável e dependia da necessidade que cada uma tinha de angariar recursos, reforçando o descoberto por Martin (2003), sobre a possibilidade de ganhar dinheiro rápido ser uma das maiores vantagens de se prostituir.

Segundo Juliano (2002), apesar dos riscos que envolvem a prostituição de rua e em muitos casos a falta de condições mínimas de conforto, a autonomia que possuem na rua pesa positivamente para a escolha dessas localidades.

Quanto à atuação realizada, na maior parte do tempo permaneciam sentadas, conversando e aguardando que algum cliente parasse em frente ao motel (Figura 4). A representação se alterava quando precisavam de dinheiro, nessas fases circulavam pela rua, falavam alto, riam e tentavam chamar a atenção dos transeuntes com assobios e frases provocativas como: *“vamos namorar?”* *“vem aqui pra eu te chupar”* *“olá gostoso”*.

A interação desenvolvida com os clientes dependia do quão conhecido ele era pelas garotas, no caso de conhecer a mulher o cliente só acenava para que ela o seguisse até o quarto, caso contrário, negociavam valores na rua e só após isso entravam. Quando o cliente não sabia quem escolher, as prostitutas se dirigiam a pessoa interessada, algumas se debruçavam nas janelas dos carros, às vezes davam uma voltinha para mostrar o corpo e se o cliente fosse atraente para elas, usavam frases provocantes na tentativa de serem escolhidas.

Como a maioria dos homens já eram assíduos, o mais comum era que eles entrassem direto, deixando conversas prévias restritas apenas às novatas que esporadicamente apareciam no ambiente. Para estas, faziam perguntas tipo a que Raquel ouviu logo que entrou no grupo, *“você gosta de apanhar enquanto transa?”*, a que ela respondeu *“no, sólo campesina delicada”*.

FIGURA 4 – GAROTAS



FONTE: Lorenzi.

Outra característica que chamava atenção e variava conforme a necessidade de ganhar dinheiro eram as roupas que utilizavam. Geralmente vestiam-se com trajes discretos, como *jeans* e *baby look*, usando de peças curtas ou decotadas apenas eventualmente. Essa caracterização modesta também foi encontrada por Gaspar (1985, p. 32) e para a presente pesquisa indica a mesma intenção, ao passo que tal conduta “é fundamental para muitas garotas, pois elas podem frequentar as boates (...) e depois voltar para o subúrbio, para perto da família, sem que a roupa seja um indicador do seu comportamento sexual”.

Dada a impossibilidade de lavar os cabelos após cada programa, eles costumavam ser mantidos presos em um coque, na tentativa de mantê-los limpos, como menciona Bruna: “*tem que erguer para no sujar, para no ficar com cheiro, no dá de ficar lavando cada vez que atende algum*”.

Todas contavam com clientes fixos e algumas só apareciam no motel quando combinavam o programa antecipadamente. Outras passavam dias sem aparecer e quando necessitavam pagar contas vinham por dias seguidos, chegando cedo e saindo tarde, até obter a quantia de que precisavam.

A maioria dizia não saber ao certo quanto ganhava mensalmente, nem controlar os rendimentos e para Gaspar (1985), fazer esse cálculo é realmente difícil, já que esta atividade tem ganhos imprevisíveis, dependendo de muitas variáveis, além da assiduidade das garotas. No entanto, foi possível levantar algumas informações sobre valores, como o cobrado por um programa básico, apenas com penetração vaginal ou sexo oral. Esta modalidade custava entre R\$40,00 e R\$50,00 e o tempo estipulado era o necessário para a ejaculação do cliente.

Programas diferenciados, como o “completo” que incluía sexo anal, eram mais caros e as que aceitavam fazer, só decidiam após ver o “material” do cliente, como explicou Maísa: “*na rua nunca negocio anal, se pedem digo que não faço, mas no quarto se o cliente quiser, pagar bem e for pequeno, eu até faço, na rua não da pra aceitar, a gente não sabe o tamanho*”.

O número de programas realizados mudava de acordo com o clima. Assim como observado em Copacabana por Gaspar (1985), em dias de muito frio ou chuva o movimento era menor, às vezes nulo, já em dias quentes o movimento era maior. Outro fator que influenciava na procura por programas ou não era a proximidade com a época de pagamento, início de mês o fluxo ficava bastante intenso, enquanto

que no final do mês o motel costumava ficar parado. As prostitutas que mais trabalhavam eram Marta, Karini e Raquel, chegando a atender 8 clientes durante o período em que permaneciam no motel, o que nunca passava de 7 horas.

O principal meio de transporte utilizado pelas paraguaias na travessia da fronteira, nos meses em que convivi com elas, foi o moto-táxi, e as únicas que não dependiam desse serviço eram Fiorena que vinha trabalhar de moto própria e Carla que tinha carro. O serviço era escolhido aleatoriamente por elas, principalmente quando necessitavam voltar ao Paraguai, momento este em que se dirigiam a rodovia e esperavam até passar um moto-taxista.

As garotas de programa se sentem seguras trabalhando no motel, todas garantiram que nunca sofreram agressões físicas nesse ambiente. Algumas contaram que acontece de um ou outro cliente querer sair sem pagar, mas que nessas situações ameaçam chamar a polícia ou fazer escândalo e o cliente acaba pagando. Tal comportamento é apontado por Gaspar (1985), como o poder do estigma, uma vez que ao estar em situação de estigmatização, as mulheres teriam pouco a perder ao fazer um escândalo, e utilizariam deste meio para reverter uma situação desfavorável, como receber o que lhes é devido.

4 POR TRÁS DAS CORTINAS

Na concepção de Goffman (2009), bastidor é um local que apresenta muitas funções, podendo ser útil para que o ator treine ou reavalie sua representação. Também é o local costumeiramente utilizado para relaxar e abandonar o personagem, onde se pode fazer uso de uma linguagem mais natural e onde se podem fazer observações francas e minuciosas sobre os mais diversos assuntos, principalmente sobre os fatos ocorridos durante a representação.

Nas páginas deste capítulo serão aprofundados os resultados das observações. Além de relatar particularidades da vida de algumas garotas, serão apresentados detalhes ocorridos nos bastidores do palco em questão.

4.1 DIFERENTES CAMINHOS PARA A PROSTITUIÇÃO

A prostituição para as garotas de programa observadas é vista como um trabalho, assim como para Prada (2018) que considera a atividade sexual uma prestação de serviços, mesmo que a maior parte da sociedade considere a prostituição um ato indigno. Para elas, o trabalho que desempenham, assim como muitos outros, não é fácil, mas também pode ser divertido, pois além de ganhar dinheiro, fazem amizades.

O sonho de todas as garotas é sair da prostituição, mas não enxergam alternativas em outras atividades para ganhar o mesmo que ganham se prostituindo. No caso das Paraguias, as falas de todas são iguais ao dizer que do outro lado da fronteira as ofertas de emprego são poucas, e nessas poucas ofertas o salário é insuficiente para pagar as contas. Algumas trabalharam como diaristas em Foz do Iguaçu, mas contam que além de ser um trabalho muito cansativo, ganha-se pouco, sendo assim, a prostituição proporciona a elas renda muito maior e flexibilidade de horários.

Com trajetórias diferentes, essas mulheres se encontraram em algum momento da vida e passaram a dividir sonhos, angústias e segredos. Cada uma com suas particularidades, trilharam caminhos diversos que as trouxeram até aqui. A maioria “entrou na vida” através de alguma conhecida que já atuava na rua, geralmente uma irmã, prima ou até mesmo mãe. Algumas começaram a se prostituir ainda menores de idade, e o fator que mais pesa para a permanência delas nessa

atividade é o sustento dos filhos e não a vocação ou o gosto por sexo, como algumas pessoas acreditam.

Nesses anos todos, não conheci nenhuma prostituta que exercesse o trabalho sexual por algum tipo de vocação. Os motivos geralmente são necessidade financeira, aliada com frequência à curiosidade e à praticidade de um trabalho que não exige formação e remunera relativamente bem (PRADA, 2018, p. 42).

A maioria diz esconder o que faz do seu círculo social, atitude que, para as paraguaias, é facilitada pelo fato de se prostituírem em outro país. Algumas são garotas de programa com o consentimento de seus companheiros, nesses casos, a atividade da “esposa” é mantida em segredo também pelo cônjuge, evitando assim a exposição e estigma que poderiam sofrer no Paraguai.

Essa situação de convivência dos companheiros é vista por Juliano (2002) como uma espécie de cafetinagem, pois nos casos em que o homem consente com a prostituição, ele costuma se beneficiar financeiramente de tal atividade, tornando-se muitas vezes dependente da parceira. Martin (2003, p. 121) afirma que “a dificuldade em definir esta relação com namorados ou maridos reside na declaração das mulheres de que a relação com seus parceiros é fundada na afetividade”. Embora nenhuma tenha admitido sustentar o companheiro, durante a pesquisa ficou claro que isso ocorre, e ao longo da dissertação as evidências serão expostas.

Nas próximas páginas serão apresentados alguns fragmentos das trajetórias de cinco garotas, histórias que evidenciam alguns aspectos das “vidas” delas, uma vez que ao conhecê-las percebe-se a realidade da constatação de Silva, quando afirma que:

Essas mulheres possuem não uma, mas várias vidas, que não se restringem somente ao universo da prostituição e à atividade de prostituir-se. A vida na prostituição é apenas uma faceta para o entendimento de outros papéis sociais que a profissional do sexo desempenha, como os de amiga, filha, mãe e esposa, papéis que expressam identidades que são cotidianamente negociadas e renegociadas (2006, p. 13).

Através das narrativas é possível não apenas perceber os diversos papéis sociais que desempenham, mas também o quão singular foi a entrada de cada uma nesse trabalho, atividade a que elas se referem como “trabalhar así”. As histórias são únicas e não deve-se utilizar dessas informações como parâmetro para justificar o ingresso na prostituição por parte de outras pessoas.

4.1.1 Muitos tons de Fiorena

Fiorena para os clientes, Sidnei nos documentos, é como se identifica a travesti de 29 anos. Morena, cabelos longos e cacheados, está sempre maquiada e com roupas justas e coloridas. Através de diversos artifícios na caracterização a paraguaia tenta apresentar-se o mais feminina possível. De temperamento forte, é a que mais chama atenção pelo comportamento, sua representação é definida pela fala e riso alto e também pelas provocações feitas aos homens que circulam em frente ao palco. Na sua ausência o local fica silencioso, e quando está presente é a representante oficial de parte do grupo na hora de conversar com o proprietário.

Se prostitui desde os 14 anos e segundo conta, começou a “trabalhar así” por curiosidade, não tendo saído desde então, nem tentado outra atividade. Afirma nunca ter se sentido homem, desconhecer o que é tocar em uma mulher, e que

Desde nova, quando comecei a pensar em namorar, já pensava nos meninos, tengo nojo de mulher, nem sei o que é. Para mi padre foi um desgosto a minha sexualidade, quando comecei a quedar mais feminina, a dejar o cabelo crescer, me botou pra fora de casa, me mandou virar homem ou pegar mis cosas e salir dali... Como já ganava um pouco na rua, fui embora, nunca mais falei com ele. Mi madre vejo, às vezes vai lá em casa, foi muy difícil no começo, pero hoje, vejo que foi mejor así.

Fiorena fala sobre preconceito e sexualidade com naturalidade, acostumada com olhares discriminatórios parece não se importar com a opinião alheia, para ela: “*gay nem sofre tanto preconceito, ahora quero ver ser travesti, quando preciso mostrar mis documentos em algum lugar miran de cima a baixo várias vezes*”.

A paraguaia tem um companheiro desde os 15 anos, que conheceu fazendo programa, “*ele gostou de mim e me levou pra morar com ele, estamos juntos hasta hoje, algunas veces ele reclama do que faço, fala pra eu parar, fala que no preciso mais hacer isso, pero eu lembro ele que me conheceu eu já era así, e também me gusta tener mi dinero*”. Ainda sobre o companheiro, quando questionei seus sentimentos por ele, demonstrou apenas gratidão, dizendo que o relacionamento para ela “*es conveniente, às vezes pienso em largar dele, pero me lembro de todas às veces que lo necesitaba e o quanto foi bom conmigo, e desisto*”.

A maioria de seus clientes são fixos, e ela costuma combinar pelo *whatsapp* os encontros, por esse motivo, não trabalha todos os dias. Às vezes mesmo sem programas combinados previamente ela aparece no motel para tentar a sorte.

Fiorena fala que a maioria dos seus clientes são atendidos a noite, quando os espera em um viaduto da cidade, *“a noite só trabajo se me llaman, aí combino horário e me quedo pouco na rua, porque ali é perigoso, é perto da favela e tiene brasileira que incomoda”*. Ao falar sobre as brasileiras, ela diz que já teve problemas na rua:

As brasileiras brigam com as paraguaias, no querem que fiquem nas ruas daqui, algunas deixam, pero aí tem que pagar pra elas [...] lá no viaduto mesmo, fica una brasileira, na primeira vez que fui lá me mandou embora, que era pra ficar no Paraguai, que aquele ponto já tinha una mujer, aí disse pra ela “yo no voy sair, a rua não tem dono e yo no soy mujer”, después disso ela pediu desculpas por ter confundido e disse que podia ficar.

Sobre os clientes da noite ela diz ter um em especial, que paga bem e a trata com gentileza.

Tengo un cliente muy hermoso! A primeira vez que vi ele foi aqui, me pediu o que yo fazia, le disse “cualquier cosa, dependiendo do que usted me paga”. Pena que ele gosta de ser passivo, aliás, a maioria é, principalmente à noite, sou mais homem que mucho cliente que atendo.

Ao falar sobre este cliente Fiorena deixou transparecer certo afeto por ele, demonstração atípica por parte dela quando comentava sobre os homens que atendia, deixando claro que este era diferente dos demais, por ser educado e carinhoso.

4.1.2 O feitiço de Marta

Marta, 51 anos, morena de traços indígenas, possui cabelos pretos, compridos e lisos. Costumeiramente se veste de *legging* e regatas justas e coloridas, está sempre maquiada, com olhos marcados e batom vermelho, abusa do perfume, que reaplica após cada programa. Nascida na Argentina, reside em Presidente Franco, no Paraguai, desde os três anos, quando a família veio fugida após o assassinato de seu pai, *“ele era contrabandista, eu não me lembro dele, quando mataram ele eu tinha só três años”*.

Sua atuação é voltada para passar a impressão de superioridade e sabedoria. Extremamente supersticiosa, sempre tem uma recomendação para atrair sorte, ou

advertência quanto aos hábitos que podem atrair azar, como a recomendação para não manter as mãos cruzadas sobre a cabeça, pois isso tiraria a sorte da pessoa.

É a mais velha do grupo e quando comecei a pesquisa sentava sozinha afastada das demais, ao longo do tempo, com a entrada de novas mulheres, fez amizade com Raquel e Maísa. Marta é conhecida por todos pelas futricas que promove. Ficou claro, ao longo das observações, que ela não inventa histórias, mas não se pode falar nada para ela que se queira manter em segredo.

Apesar das crendices e dos atritos que causa devido a sua “língua afiada”, é uma mulher informada, faz curso de auxiliar de enfermagem (no entanto já se intitula enfermeira) e se acha apta a ajudar as colegas e os clientes com relação a doenças.

Eu falo que no son meus cliente, son meus amigo, porque quem entra comigo, me ajuda bem e não é só pra mete, é pra conversa. Eles dizem que eu converso muito, que eu explico... eu sei como passa doença, aí explico pra eles. Tem véinho que vem aí e quer a pastilha, que é o viagra né?, aí falo pra ele “você no pode tomar así, tomando cerveja, tomando remédio, no pode”, então eu tenho pessoas que entra comigo pra conversa.

Marta, assim como as outras, não faz programas todos os dias e geralmente quando vem ao motel fica apenas no período da manhã. Ela se prostitui desde 2014, e diz ter começado a “trabalhar así” porque seu filho ficou doente, sendo necessário hipotecar a casa para tratá-lo. Neste momento de adversidade, uma conhecida que trabalhava nas ruas de Foz do Iguaçu a encorajou a se prostituir, porém, o provisório se tornou permanente e ela encontrou na prostituição uma forma de se estabilizar financeiramente. Quando iniciou na prostituição não ficava em frente ao motel, permanecia às margens da rodovia, assim como outras observadas neste trabalho. Ela contou-me que

Quando comecei a trabajar así, eu ficava lá em cima, no muro. Una conhecida me chamou pra ficar com ela, meu filho estava doente e tive que hipotecar a casa... a vida tava muito difícil e por isso virei prostituta. Logo paguei o que devia e agora invisto tudo o que ganho. Lá em cima me assaltaram e vim ficar aqui, lá passei coisas difíceis, quando comecei a trabajar, um cara me forço, me empurrou no carro, fez o que queria e me jogou pra fora, aqui nunca aconteceu isso.

A paraguaia, que já trabalhou em outras atividades, atualmente além de fazer programas, também vende produtos por catálogos. Não é casada, e mora apenas com o filho adolescente. Para a família, fala que vem ao Brasil trazer mercadorias.

Diz que continua a se prostituir para investir no futuro, e que ganha em média de R\$200,00 a R\$280,00 por cada dia que trabalha. Quando se refere a investimento, fala sobre aquisição de bens, estudo do filho e uma espécie de agiotagem que realiza.

Eu empresto o meu dinero, eu faço trabajar meu dinero, tudo o que eu ganho eu invisto, daí eu tenho quase todo dia pra receber. No sábado tenho muito, tem pessoa que eu recebo cada semana, tem quem paga quinzenal e tem mensal²⁵ também. Tô fazendo uma reserva para quando no puder mais trabajar e pagando os estudos do meu filho, quero que ele seja alguém, um doutor ou engenheiro, que ele tenha futuro.

Nas conversas com Marta ela deixava claro o plano de sair logo da prostituição e falava sobre o que sentia na hora de fazer um programa:

Já tá na hora de me aposentar, a idade tá chegando e logo no vou mais conseguir cliente... assim que terminar a reforma da minha casa, vou abrir uma lojinha de cosméticos e vou sair daqui, logo, logo. O dinero que ganhei dando, investi tudo. Tô cansada também, sexo com cliente é algo falso, automático, sem sentimento, é apenas um negócio. Vem muita gente aqui que tem vida dupla, que no se assume, homem casado que vem procurar o travesti, quero terminar minha vida vivendo algo de verdade, no essa vida mentirosa. Você tem que ver, lá no bairro onde moro sou a dona Marta, qualquer um sabe onde moro, porque ajudo na igreja, eu ia em retiros também, mas desde que comecei a trabajar así, no vou mais, no tem como, porque lá tem que contar tudo, pero na igreja me sinto bem, ajudo às pessoas, até aqui muita vez ajudo os cliente.

A colocação feita por Marta reforça o que Martin (2003) também apurou em campo, ao constatar o quanto as relações sociais das prostitutas são prejudicadas pela atividade que desempenham. Além das mentiras que se vêm obrigadas a contar, muitas vezes essas mulheres se sentem impuras e se afastam até da religião por não se considerarem dignas de participar de certos rituais.

4.1.3 A transparente Paola

Paola é morena, de cabelos castanhos levemente ondulados. Com aparência simples e corpo bem desenhado, costuma usar *jeans* e regata em cores sóbrias, dispensando a utilização de acessórios. Nunca a vi maquiada e o cabelo sempre mantém preso em um coque. Quanto a sua representação pode ser considerada

²⁵ Nesta colocação tem o sentido de mensal, ou seja, dinheiro que ela recebe mensalmente.

uma personagem reservada, mas simpática e educada, conversa apenas com as colegas e sempre em voz baixa.

Apesar da aparente seriedade, é uma mulher receptiva para conversar. Sempre deixou transparecer na entonação de voz e na expressão facial certa tristeza por prostituir-se, principalmente quando se referia a sua família, que desconhece o que ela faz, *“pra o meu marido eu falei que tô trabalhando de doméstica, ganhando R\$ 50,00 por dia, pero sempre ganho mais”*.

A paraguaia que tem 34 anos é casada e, tem três filhas (2, 3 e 17 anos). Está na prostituição desde os 27 anos, com algumas pausas devido às duas últimas gestações. Mora em “Cidade do Leste” e começou a “trabalhar así” aqui no Brasil, através das suas irmãs, Karini e Fran, que já se prostituíam. Certo dia, ela me disse que as irmãs nunca gostaram de trabalhar; sempre gostaram de dinheiro fácil. Depois se corrigiu dizendo: *“fácil não, tem que aguentar muitas coisas”*. Paola, fala a seguir, que foi decisão dela se prostituir e que apesar da ajuda das irmãs, elas nunca a incentivaram.

Mi vida siempre foi complicada, mi familia era muy pobre e eu como filha mais velha tive que trabajar desde menina para ajudar, já limpei tanta casa nessa vida que não sei nem contar. O pai da minha filha mais velha nunca ajudou com nada, sumiu quando ficou sabendo da gravidez, despues eu conheci meu marido, o atual, continuava trabajando de doméstica aqui no Brasil, pero ganhava poco... paraguaia ganha menos que brasileira aqui de doméstica. Aí meu marido fez unas cosas que não devia e foi preso, precisava de dinheiro, aí resolvi experimentar e não saí mais. Não me gusta, pero tenho minhas filhas que tem que estudar, tem que comer, tem que vestir, tem que ir em médico, o mensual²⁶ no Paraguai não alcança tudo isso, aqui tem sábado que chego fazer R\$500,00 ou R\$600,00 e consigo esconder o que faço. Quando comecei ficava na rua, lá em cima perto da BR, só depois vim aqui, foi muito difícil pra mim, ainda é na verdade, tinha vergonha, tinha medo, pero minhas irmãs me ajudaram, me falaram como agir. Elas se prostituem faz tempo, são mais novas que eu, pero entraram nessa vida antes, a Karini mesmo, nunca fez otra cosa da vida. A Fran quando viu que ganhava bem fazendo programa, largou o serviço e veio pra rua também e eu... já me acostumei, pero quiero sair logo, no me gusta, tem cliente que é bom, pero tem cada um que a gente atende, tem que olhar pro lado, pensar en otra cosa, pra não sair correndo.

Durante as conversas que tive com Paola, como a que segue, ela sempre demonstrou vontade de sair da prostituição. Seu maior temor é o julgamento das filhas, principalmente da mais velha, que segundo ela já entende o assunto.

²⁶ Nesta colocação a palavra tem sentido equivalente a salário.

Não sei até quando fico aqui, porque minha filha ta crescendo. A mais grande tem 17 años, una vez ela já pergunto pra mim porque viu preservativo na minha bolsa, e até agora eu tô calada. Também não posso contar, porque ela não gosta, porque quando ela vê uma pessoa así, que nem eu, ela fala “por que ela é así? Por que não trabaja?”. E também tem meu marido, na cama mesmo ele fala que sente que tem algo estranho, que eu tô estranha. E eu tô cansada, tenho muitos problemas, tô pensando, tô procurando trabajo também no Paraguai, una hora saio daqui.

Apesar de não gostar do que faz, Paola diz ter sorte com os clientes. Nunca a trataram mal, alguns inclusive são carinhosos e demonstram se importar com ela. Para Paola, o fato de atender majoritariamente homens casados evita uma série de problemas.

Eu nunca sofri agressão de nenhum cliente, nem quando tava na rua lá em cima, pero tem mujer que sofre sí. Trabajar de dia é menos perigoso também, porque em la noche tem de tudo na rua, bêbado, drogado e de dia eu até posso escolher os clientes, eu olho pra pessoa e depende de como ele fala já sei se é um homem bom ou não. Os meus clientes são quase tudo casado, eu gosto mais así, de homem casado mesmo, porque não incomodam pra transar sem preservativo, e isso é mais importante que qualquer cosa. Eu tomo anticoncepcional também, mas tenho medo de pegar una doença, por isso não faço sem camisinha, prefiro perder o programa, porque como eu disse antes, eu tenho meu marido né, é complicado pegar alguna cosa, se eu acho que o cliente pode ter algo coloco duas camisinhas e passo bastante creme²⁷, pra não ter perigo de estourar.

Não tive a oportunidade de conviver muito tempo com a Paola. Na metade das observações ela desapareceu sem que soubéssemos o real motivo, tudo o que se ouviu foram conversas desencontradas por parte das demais mulheres.

4.1.4 A vivacidade de Raquel

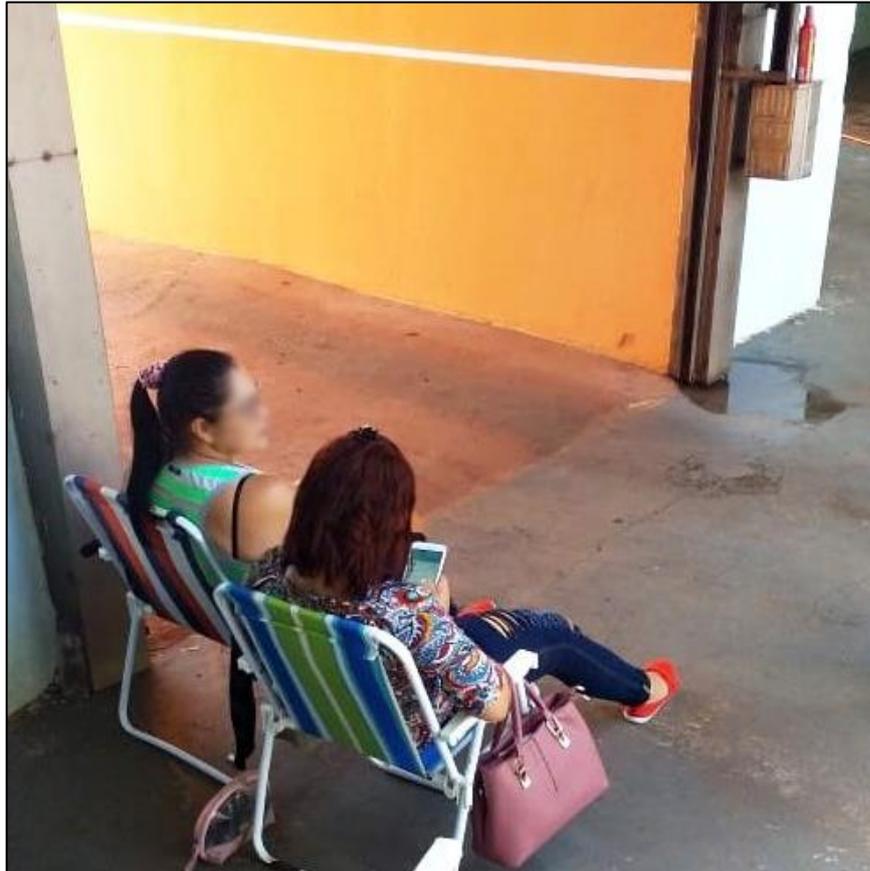
Raquel, dentre o grupo de mulheres em análise, é a que demonstra maior ousadia através da atuação e caracterização. Tem 24 anos, cabelos médios e ruivos. Está sempre maquiada, os olhos delineados com lápis preto e a boca carnuda colorida com batom vermelho, a bolsa de maquiagens sempre está por perto caso necessite retocar (Figura 5).

Costuma usar roupas coloridas e chamativas, que evidenciam o quadril e que deixam aparecer parte da *lingerie*. Sempre expõe alguma parte do corpo; quando

²⁷ Gel lubrificante.

usa vestido é possível ver parte das nádegas e, quando está de calça, coloca blusas que deixam a barriga de fora. Os acessórios também compõe o visual dela, que incluem brincos compridos, pulseiras e uma gargantilha com um pingente de criança, que representa seu filho.

FIGURA 5 – MAQUIAGEM SEMPRE AO LADO



FONTE: Lorenzi.

Bastante comunicativa e bem humorada, Raquel era acostumada com ambientes mais hostis na prostituição. No motel encontrou um lugar seguro, por isso trata as pessoas à sua volta com educação, mesmo as colegas das quais não gosta. A ruiva reside em Minga Guazu, com os pais, irmãos e seu filho de seis anos. Loirinho, o menino é bem diferente dela, “*a cara do pai dele*”, segundo Raquel seu filho “*é especial*” e costuma ficar sob cuidados de sua mãe.

A jovem se prostituiu desde os 16 anos, veio parar nas ruas de Foz do Iguaçu, pois uma prima já trabalhava aqui e a ajudou no processo de iniciação. A mãe que se prostituiu por muitos anos sempre soube do trabalho da filha “*minha mãe sabe e não se importa, meu pai se sabe não fala nada, não conversamos sobre isso, eu*

levo dinheiro pra casa, isso é o que importa". Ela afirma ter deixado de se prostituir por quatro anos, tempo em que morou com o pai do seu filho, mas como a relação não deu certo e o pai do menino nunca pagou pensão, voltou ao antigo ofício. Atualmente diz não querer ajuda do rapaz *"é só pra se incomodar, nunca pagou, agora também não quero, ele não tem carinho pelo menino, só porque é especial"*.

Raquel sempre fez programas no Brasil, às margens da rodovia, onde contou com orientações da prima já experiente. Ela conta que era difícil e perigoso fazer ponto às margens de BR e que lá passou por maus bocados.

Perdi as contas de quantas vezes fui assaltada, até por cliente, era perigoso, além disso, tinha que pagar R\$ 5,00 por programa que fazia para poder usar a rua, naquela época R\$1,00 era 2500 guaranis, era dinero. Ali em cima vi colegas apanharem, uma quase morreu de tanto que o cara espancou, ela saiu com o cara e ele pediu quanto ela cobrava completo, aí ela disse "eu não faço completo", aí o cara amarrou as mãos dela e espancou, comeu e não pagou ainda. Então tem coisas que a gente passa e as pessoas não vê, acham que é fácil. Comigo só roubaram mesmo, aí conheci meu ex e sai da rua, quando terminou, voltei, só que fui lá no outro bairro, perto dos outros motéis. Lá pagava R\$250,00 toda sexta para poder usar a rua, mas como eu trabalhava mais, as gurias ficaram com raiva, se juntaram e me bateram. Isso foi em agosto²⁸, trincou o osso da costela, até hoje ainda sinto dor. O que a maldade não faz, né? Só porque eu era a que fazia mais programas inventaram que eu roubei R\$800,00 delas, onde eu ia roubar R\$800,00?

Ela fala que agora na frente do motel a vida é mais fácil e segura, em relação ao outro lugar em que estava:

Ficava na rua o tempo todo, banheiro era no matinho, no quarto só quando entrava com cliente, não tinha mordomia que nem aqui. No frio quase ninguém ia trabalhar e dia de chuva tinha que ficar parada de guarda-chuva e capa. E lá em cima paraguaia só trabalha de dia, metade da tarde tem que ir embora porque chegam às brasileiras e a noite tem muito travesti, só pra arrumar briga. Tem gente que acha que é fácil na rua, pero não é, se passa cada coisa, é roubo, estupro, tem gente que passa e xinga, tudo isso.

Seu maior medo é de engravidar e conta que toma injeção para evitar que isso ocorra, mas que, mesmo assim, nunca tem relação sem camisinha com cliente, *"quando o cliente pede pra fazer de quatro, nunca abaixo a cabeça, presto atenção pra ver se não vai tirar"*. Quando fica menstruada não trabalha, *"não tem como tentar esconder, é incomodo e a gente nunca sabe o tamanho do cliente que vai pegar"*.

²⁸ No momento da declaração fazia 6 meses do ocorrido.

Raquel diz não pensar muito no futuro, se preocupa apenas em criar o filho e ajudar a família.

Eu até queria viver diferente, trabalhar em outra coisa, pero nunca vou achar um emprego que me pague o que tiro aqui, tiene dias que ganho mais de R\$500,00. É perigoso, muita cosa pode dar errado, como já deu quando apanhei, pero tengo que pensar no meu filho, que és tudo o que mais amo, pensar no futuro dele, e ajudar a minha família também. Meu pai trabaja, pero quem coloca mais dinero lá em casa sou eu, acho que por isso ele não pergunta o que faço. Já tive a ilusão de sair dessa vida quando conheci o pai do meu filho e veja no que deu.

Raquel foi a garota que mais vi fazer programas durante os meses de minha pesquisa. Sob a proteção de Marcos seguiu trabalhando tranquilamente, mesmo diante da hostilidade de grande parte das colegas.

4.1.5 A intensa Maísa

Maísa, de 33 anos, foi a única brasileira presente no motel durante todo o tempo de observação. Ela é loira e baixinha, sua representação busca passar uma imagem de atrevimento, usa roupas curtas e decotadas, maquiagem bem feita e lança mão de diversos acessórios.

As atitudes de Maísa destoam um pouco quando comparadas as das suas colegas. É a mais desbocada e sem pudores. Quando o assunto é sexo, fala em alto e bom som tudo o que lhe vem à cabeça. A característica que mais chama atenção nela é o exagero. Fala muito e gasta bastante, por isso não recebe muita atenção sobre seus problemas, ninguém lhe da credibilidade. Com mania de doenças, tudo o que alguém diz sentir, ela sente também, só que mais forte. Tal costume é motivo de comentários por parte de todo o grupo quando ela não está presente.

Tem três filhos, duas meninas (15 e 9 anos) e um menino (4 anos), “o pai da mais velha faleceu quando eu estava grávida, achei que ia morrer de tristeza, foi de acidente na BR, aqui pertinho”. A adolescente mora com Maísa, ao contrário dos dois menores, “os pequenos estão morando com o pai deles por que eu tô com problemas financeiros”.

O dinheiro que ganha durante o dia, gasta rápido, às vezes no motel mesmo, comprando cosméticos de Marta. Em uma ocasião, após a realização de quatro

programas, se dirigiu a Vila Portes²⁹ e voltou cheia de sacolas, ao retornar foi repreendida pelos funcionários do motel, que ficaram indignados com a rapidez dela em gastar o que ganhou.

A entrada da brasileira na prostituição foi bem ocasional e não contou com a ajuda de ninguém, simplesmente aconteceu.

Foi em 2016, eu trabalhava puxando muamba de dia e a noite de garçonzete. Um dia um cara me entregou um bilhete enquanto eu atendia ele, ele queria sair comigo, mas eu não podia, tinha que acordar de madrugada pra ir pro Paraguai, então eu respondi o bilhete falando que não dava, que precisava trabalhar cedo, que a situação tava difícil. Um pouco depois ele retornou o bilhete dizendo que podia me ajudar e que ia esperar eu sair, e assim eu fui. Ganhei R\$250,00 naquela noite e até hoje saio com ele às vezes. Ele é motorista de caminhão e não mora aqui, quando vem pra cá me liga, ele falou de mim pra outros caras e acabei arrumando outros clientes.

Conforme seu relato, na primeira vez que fez programa sentiu vergonha e achou a experiência ruim.

Foi a pior coisa, morri de vergonha, não conseguia olhar na cara do homem. Ele me tratou bem, mas foi estranho, eu não conhecia o cara e tinha coisas que não queria fazer, até hoje tem coisas que eu não faço, prefiro ficar sem dinheiro. Não sei como a Marta e a Raquel vão juntas para o quarto atender os clientes, a Marta come a Raquel com o vibrador, como que se olham na cara depois, né?

Ter começado a se prostituir na frente do motel, para ela, é considerado o fundo do poço, do qual ela garante que sairá logo, sendo necessário apenas arrumar um emprego ou algum homem que a banque.

Eu fazia meus programinhas assim, à noite, pra complementar a renda, porque eu trabalho, sempre trabalhei. Vim parar aqui no motel porque perdi o emprego em outubro e conheço aquela moça que vem vender salgados, sabe? Foi ela que me falou pra vir aqui até arrumar outro emprego, mas tem dois clientes que saio à noite que querem me bancar como amante, um aqui de Foz e um de São Miguel, quero ser amante dos dois, aí posso parar de vir aqui [...] antes eu tava trabalhando no Paraguai, levando mercadoria pra São Paulo, mas a operação³⁰ me quebrou, comecei a passar necessidade e tive que vir para o motel. Já fiz programa outras vezes quando precisei de

²⁹ Bairro conhecido em Foz do Iguaçu pelo forte comércio.

³⁰ Operação Muralha - fiscalização montada na praça de pedágio em São Miguel do Iguaçu - PR, realizada pelo Exército Brasileiro, coordenada pela Receita Federal. Ação inserida no âmbito do Programa de Proteção Integrada de Fronteiras (PPIF) e tem por finalidade o fortalecimento do controle e da fiscalização, visando prevenir e combater os crimes de contrabando, descaminho, tráfico de drogas, de armas, de munições, de medicamentos, além de outros crimes praticados, com especial enfoque nos produtos que ingressam no Brasil, vindos do Paraguai.

dinheiro, mas sempre que posso saio da prostituição. Não que eu não goste, eu sou safada, gosto de sexo e tenho muita imaginação, mas aqui não dá de escolher muito o homem. Se encontrar alguém que me banque tô saindo, porque tem minha filha né, ela sabe o que faço e não gosta, tem vergonha, mas entende que é provisório. Mas ainda assim eu me divirto, nunca passei por nenhuma situação ruim, de cliente agressivo, até ganho bastante coisa, em casa tenho um monte de fantasias que ganho dos clientes da noite.

Maísa ainda deixa claro que não gosta de ficar exposta na frente do motel, sempre está meio escondida e quando avista alguma pessoa familiar corre para a cozinha. Ela não tem vergonha de fazer sexo em troca de dinheiro, mas tem medo de ser descoberta por conhecidos. Seu sonho é encontrar um homem que a banque, pois aí não precisaria mais se prostituir, tal afirmação é repetida por ela com frequência, como na colocação abaixo.

Eu tenho vergonha, mas se Deus quiser ninguém vai descobrir porque eu vou sair daqui, se eu ficar com aquele cara que quer me ajudar eu não preciso mais vir, me sujeitar a muita coisa. Eu vou dar a volta por cima, se der certo com ele pretendo comprar roupa lá em São Paulo e vender aqui, já fui vendedora, tenho experiência.

Ela não faz muitos programas no motel, justamente pelo fato de não ficar exposta, muitas vezes chega algum cliente e acaba escolhendo outra das mulheres, sem, nem mesmo, ter lhe visto. A brasileira não se importa muito com isso, principalmente se já tem um encontro combinado à noite e, fala feliz que não terminará o dia sem dinheiro, “tenho um programa com um caminhoneiro hoje à noite, ele me paga R\$200,00 e ficamos juntos no máximo uma hora”.

4.2 INTERAÇÕES DO GRUPO

Quando iniciei a pesquisa em campo eram oito as prostitutas que utilizavam o palco, porém, o ambiente era dividido entre as garotas, que aproveitavam a parede divisória entre os portões de entrada e saída, para se manterem afastadas (Figura 6). Enquanto que Marta se mantinha distante, sete mulheres formavam um grande grupo.

Nunca ocorreu uma briga entre as prostitutas no período em que ali estive. No entanto, ofensas sussurradas eram frequentes. Em alguns dias a tensão era perceptível por todos e, qualquer situação diferente virava motivo de acusações por

parte delas. As mulheres do grande grupo falavam que Marta era fofqueira, inventava histórias e as caluniava para os clientes. Fiorena chegou a dizer que um dia seguiu Marta para se certificar se era verdade o fato dela ser enfermeira.

No se puede confiar en Marta, ela mente, no es enfermeira no, se fosse no vinha todo dia aqui. Um dia saiu daqui dizendo que tenia que ir trabajar, que tinham ligado do hospital, yo peguei minha moto e segui. Ela realmente foi no hospital, però entrou e logo saiu, porque ia sair se tinham chamado ela pra trabajar? Es muy mentirosa.

FIGURA 6 – GAROTAS À ESPERA DE CLIENTES



FONTE: Lorenzi.

Por sua vez, Marta dizia não se misturar com as demais, pois eram encrenqueiras, segundo ela, algumas até participavam de furtos, e ela não queria ser confundida com nenhuma ladra:

A Paola e a Fran no aparecem mais no motel porque participaram de um assalto aqui em Foz, pasó en la tv. Quando foram fugir a vítima do assalto jogou o carro contra a moto que Fran estava, parece que ela se machucou bastante, quebrou o braço. Elas estan mentindo pra Don Marco, dizem que ela sofreu acidente pero no contam como que aconteceu, é por isso que no sento ali com elas, no quero meterme em encrenca e ser confundida com ladra. A Paola no se machuco, pero no volta aqui tan cedo, se no vai presa.

Ao longo dos meses, com a alteração na composição do elenco devido à saída de Paola e Fran e posteriormente com a entrada de Raquel e Maísa, o grande grupo se desfez e Marta não ficou mais sozinha. Raquel e Maísa passaram a ser suas amigas íntimas, pelo menos enquanto estavam juntas, quando uma se retirava do motel antes das outras, era comum algum comentário depreciativo sobre a pessoa que se retirou do local, como o que Maísa fez no registro a seguir:

Esse cliente só sai com a Raquel porque ela faz anal sem camisinha, é uma louca, acha que por trás não pega doença. Outro dia ele quis sair comigo, mas desistiu porque não faço sem. Já falei pra ela se cuidar, que é muito nova, se pegar uma doença o dinheiro que ela ganha hoje perde amanhã, mas ela não gosta que fale nada, acha que tô crescendo o olho por causa do dinheiro que ganha. Tu acredita que ela fala que namora com os clientes? Beija na boca! Eu não beijo de jeito nenhum, eles vem aqui pra gozar, não pra namorar. Ela faz anal toda hora, fico pensando como é que aguenta, deve ser tão grande que não sente mais nada.

Embora a relação do grupo não seja das mais amistosas, no que diz respeito à inserção de outras mulheres para trabalhar no local, a reação de todas é igual, o discurso é cheio de compreensão e é unanimidade a frase “eu não me importo, a rua é de todos” ou “Dom Marco que decide, se ele deixa ficar a gente não se mete”, mas a prática se revela bem diferente, são extremamente territorialistas e a todo custo tentam expulsar do motel qualquer novata. Marcos explica melhor como elas se comportam frente à chegada de uma desconhecida:

Lembra que falei que tinha uma mulher que voltou da Espanha querendo trabalhar aqui? Então, ela até veio outro dia, mas não ficou, já encrencaram e não deixaram ela ficar aqui, é complicado, elas só aceitam quem elas trazem. Às vezes aparece uma ou outra mulher pedindo para ficar aqui, mas mesmo que eu concorde, a mulher acaba não ficando, as que já estão dão um jeito de tocar, brigam, discutem, ameaçam [...] elas têm medo de perder seus clientes, mas isso não acontece, é bem difícil, eu que to aqui sempre observo. Quando entra uma moça nova o fluxo de clientes aumenta, dificilmente acontece de um cliente trocar uma por outra. Agora mesmo quando a Raquel entrou aqui, apareceu um desafeto dela a pedido das outras, a intenção era bater na Raquel e expulsar ela daqui, mas eu fiquei sabendo e intervi, falei que aqui ninguém ia mexer com ela e quem não estivesse satisfeito que fosse embora. Fiz isso porque a Raquel foi espancada na frente do outro motel em que ficava, as mulheres de lá não

queriam mais que ela ficasse na rua porque ela fazia mais programa que as outras.

Confirmando essa exposição, certo dia enquanto conversava com Fiorena, chegou uma moça paraguaia pedindo por Marcos, Fiorena que não a conhecia falou baixinho para mim *“se és para trabajar aqui, no, aqui já tem menina demais”*. Para alívio dela o assunto era outro e logo a moça deixou o local.

Em outro momento, enquanto Fiorena comentava com Carla sobre o seu início na prostituição, pedi como elas agem quando aparece uma colega nova no motel. Fiorena deixou estampada no tom de sua voz, a hostilidade: *“no faz nada, a gente deixa que se vire”*, Carla por sua vez disse: *“a gente sólo diz para tener cuidado com cliente agressivo, que gosta de machucar”*.

A resposta das garotas não me surpreendeu e reforçou o comportamento das prostitutas que Martin (2003) conheceu em sua pesquisa e que assim como as observadas por mim, não demonstravam muita parceria com as colegas, reservando pequenos gestos de apoio apenas em questões relacionadas à segurança. Após essas falas, Carla então lembrou o caso de uma colega que trabalhava ali que se envolveu com um cliente:

Um tiempo atrás teve una mujer que ficava aqui com nós que se envolveu com um cliente, però continuo vindo aqui, se prostituindo, um dia ele veio buscar ella na rua e arreventou a cara de ella. Ella não veio mais aqui, però ainda así continuo com ele.

Bruna, apesar de fazer oficialmente parte do grande grupo, convivia bem com todas, nunca a ouvi falar qualquer palavra que denegrisse uma das colegas. Às poucas vezes em que presenciei algum problema envolvendo a moça, foi por ela não ter gostado que alguma colega tivesse atendido um cliente seu, indo tomar satisfação com a usurpadora. Marta foi uma das que ouviu reclamações por parte dela e foi se queixar com Marcos, *“una hora dessas vo quebra a cara dessa loira, veio me cobrar porque saí com cliente dela, mas foi ele que quis sair comigo, é o cliente que escolhe, os cliente no são nossa propriedade”*.

Neste quesito, todas as garotas atendem clientes que sempre voltam, considerados por elas clientes fixos. É comum ouvir falas como *“este é meu cliente”*, *“aquele senhor é cliente de fulana”*, porém, como elas não costumam trabalhar todos os dias, às vezes o *“cliente fixo”* aparece no motel e vai para o quarto com outra, fato

que cria constantes desavenças entre as mulheres. Para Marta esse comportamento de algumas é uma besteira e só acontece porque elas são egoístas e não trabalham com regularidade.

Sabe porque elas tan perdendo? Porque elas no vem, aí o cliente sai com a gente e se acostuma com nós, así elas perdem, e falam que é por causa de nós, que a gente que tira os cliente delas. Eu so boazinha com elas, quando vem algum cliente eu peço se no quer sair com elas, ou se quer chamar mais una, porque eu tenho pena delas, todo mundo precisa. Pero elas no pensam así, se ganham R\$50,00 tomam tudo em cachaça, a Carla é una que debocha de mim porque no dependo só daqui, pero eu no falo nada, porque graças a Deus isso é verdade. E eu invisto o que ganho aqui, agora acabei a casa da minha mãe, já paguei tudo, pinteí a minha também e em janeiro já vou começar outra. Eu comprei um carro também, faz 20 dias por aí, um conhecido meu caiu com droga, aí o carro era novo, fiz todo o trâmite e comprei, e essas daí, não tem nada.

Marcos não liga para as picuinhas das garotas e no geral tenta se manter afastado da vida e dos problemas delas, evitando criar qualquer tipo de vínculo como elas, como amizade. Conforme me disse, foi mais tolerante com elas devido a minha presença, para não prejudicar meu trabalho, prova do entendimento de Laplantine (2012) sobre a não neutralidade do observador no meio pesquisado. Sobre a disputa por clientes Marcos afirma que:

Elas não tem que arrumar briga por causa disso, querendo ou não, elas se colocam nessa situação quando se prostituem. Os caras que vem aqui olham pra elas como uma mercadoria, não querem um vínculo, eles saem com quem tem vontade, não tem essa de dizer que fulano é meu cliente. A Carla é uma, que acha que os clientes são dela, e ta perdendo dinheiro por causa disso, porque ela incomoda os clientes que saem com outras, tem homem que fica bravo e não quer mais saber dela.

Fiorena também se incomoda quando alguma das colegas atende um cliente seu e durante uma conversa comigo na cozinha esbravejou:

Me voy quedar aqui que no to podendo olhar na cara da Karini. A gente brigou, yo tengo a mis clientes, os que saem só comigo. Outro dia que eu no estava, a Karini saiu com um deles, agora o homem no volta mais pra mim, no sei o que ela fez que ele gostou tanto, ele vem aqui porque é passivo.

Apesar do clima tenso ser frequente entre as garotas, a presença de três delas simultaneamente tornava o ambiente inóspito. Quando Carla, Marta e Karini apareciam no mesmo dia para trabalhar ninguém conversava com elas, os

funcionários as evitavam, e eu, assim como eles, não me aproximava, observando-as à distância.

Divididas em dois grupos, um no portão de entrada, outro no portão de saída, elas não conversavam, não riam e não ouviam música, poucas vezes o silêncio era cortado, geralmente por alguma frase em tom provocativo para as colegas que estavam do outro lado. As provocações eram direcionadas principalmente para atingir as casadas, como a proferida por Marta em determinada ocasião: *“eu que no venho aqui dar pra sustentar vagabundo, capaz mesmo que vou vir aqui, ficar me sujando pra sustentar homem, Dios me livre, no soy burra”*.

Em um desses dias tensos, o tempo mudou repentinamente, choveu muito e rajadas de vento balançaram os portões. Preocupada Marta pediu que Leandro, o recepcionista, fechasse o portão de saída, pois o beiral estava pendurado e poderia cair com o vento. Carla e Karini que estavam sentadas daquele lado não gostaram da atitude de Marta, uma vez que ficaram escondidas, por isso, imediatamente Carla gritou para que Leandro o abrisse novamente. Indignada Marta se aproximou de mim e falou alto o suficiente para que as outras escutassem: *“es una mal agradecida mesmo, tomara que voe na cara dela, vai ser bem feito”*. Em outro momento reclamou de Carla novamente *“aquela ali é una bruxa, se acha muito gostosa, no Paraguai todo mundo sabe o que ela faz, aí que é feio, isso que eu nunca quero”*.

As afrontas eram permanentes, bastava uma oportunidade que as críticas eram lançadas. Uma tarde após Karini realizar um atendimento e sair do quarto, seu cliente chamou Leandro e reclamou que não estava saindo água do chuveiro. Ao ouvir isso, Raquel confirmou que por essa razão no dia anterior já havia se lavado em outro banheiro. Marta aproveitou então a deixa para alfinetar Karini, mais uma vez falou alto para que ela ouvisse mesmo não estando perto: *“credo, mas ela não toma banho? saiu do quarto e nem falo nada, eu tomo banho cada vez que entro e que saio, que relaxada”*.

As diferenças no grupo também eram perceptíveis através das superstições. Em dias de pouco movimento Marta acreditava que eram as energias negativas de Carla e Karini que espantavam os clientes. E afirmava que quando as duas não vinham, as presentes trabalhavam bastante. Coincidência ou não, era verdade, quando as duas estavam até o movimento na quadra do motel era menor, e Marta dizia: *“essas aí espanta os cliente, são carregadas”*. Acreditando ter algum poder

sobrenatural para espantar as duas dali, Marta, carregando seus patuás³¹ a fim de espantar o mau olhado, murmurava frases no intuito de emanar alguma espécie de energia para que elas fossem embora, *“vai embora cobra, sataná, pra gente trabajar um poco”*.

4.3 EXCENTRICIDADES

Já foi dito anteriormente que muitos clientes que procuram as prostitutas são senhores com relacionamentos estáveis e duradouros. Destes, muitos já não tem mais relações sexuais com as parceiras, mas ainda assim preferem preservar a relação matrimonial e manter a segurança, do que enfrentar a instabilidade de uma separação. Todavia, parcela também significativa dos clientes procura por sexo pago na intenção de satisfazer desejos ou curiosidades, fantasias que jamais teriam coragem de propor as esposas, pois se sentiriam envergonhados e desmoralizados perante elas.

Ao longo dos meses de pesquisa, através dos relatos das garotas e dos funcionários, foi possível perceber algumas especificidades do comportamento humano. Algumas mulheres contaram sobre os desejos dos clientes, em certos momentos evitaram falar palavrões, substituindo certas expressões por sinais, como em algumas situações narradas no decorrer deste tópico.

Certa manhã, quando Marta se dirigiu ao quarto com um cliente, as garotas que permaneceram no portão ficaram rindo. Sem entender o que estava acontecendo, questionei o motivo da graça. Bruna então respondeu que sabiam o que o homem tinha vindo fazer ali e acrescentou:

Este cliente que entrou é cliente da Fiorena, quando ela não está ele sai com a Marta, porque ele vem até o motel dar o ... (faz um redondinho com a mão). A Marta tem um cinto com um pinto para essas ocasiões e usa bastante, tiene muito homem que gosta. Às vezes aparece algum cliente aqui com gosto estranho, tiene um que vem aqui que quer que faça xixi nele, eu não faço esse tipo de cosa, o xixi não sai, pero siempre tem quem faça.

³¹ Amuleto geralmente confeccionado com tecido e ervas. No caso de Marta, o amuleto também continha açúcar, ingrediente ao qual ela atribuía seus ganhos financeiros: *“desde que comecei a andar com um poco de açúcar na bolsa, nunca fiquei sem dinero”*.

Alguns dias antes de Bruna dizer isso, Tiago, um dos recepcionista que conheci, me contou espantado sobre o que acharam em um dos quartos:

Outro dia depois que a Marta saiu do quarto, eu e a Dalva fomos limpar, sabe o que tinha no lixeiro? Sabe aquelas linguiças defumadas? Tinha uma com camisinha. Certeza que o cliente que trouxe, porque a Marta tem um negócio de borracha, quando o cliente quer ela vem buscar no armário.

Sobre o uso do acessório ao qual Bruna e Tiago se referiram, Marta o mantinha fechado em um armário na cozinha, buscando se algum cliente pedia. Houve um dia em que ela saiu do quarto às pressas para buscá-lo, quando o programa terminou, ela veio em minha direção e contou ruborizada o que aconteceu.

Este quis variar um pouco, é um senhorzinho que siempre vem aqui, mas é a primeira vez que pede o... (faz sinal com as mãos). Pediu pra meter bem devagarinho, disse que nunca tinha feito assim, mas tava mentindo pra mim. Prendi o negócio na minha perna e o senhor sentou de uma vez, chegava a rebolar, imagina se nunca tinha feito. Tem uns que querem mas tem vergonha de pedir para buscar o brinquedo, aí pedem para fazer com os dedos mesmo, coloco camisinha na mão e faço.

Dias após essa revelação feita por Marta, Leandro contou o ocorrido para Marcos, que não estava na ocasião. Ele se espantou e seguiu-se o seguinte diálogo:

- Leandro : *sabe quem pediu o brinquedinho da Marta outro dia? O Chapéu.*
- Marcos: *chapéu? Capaz?!! Ele vem aqui faz tempo, vou até bloquear no meu whats. Achei que era homem, vai que começa de gracinha pro meu lado.*
- Leandro: *era (risos). Você não tava aqui, a Glaucia ta de prova, a Marta saiu só de toalha pegar o pinto dela.*
- Marcos: *ele vem há tanto tempo aqui, conheço até o barulho do carro dele, não acredito.*
- Bruna: *não sei o que ta acontecendo, cada vez vem mais cliente querendo que eu faça (faz sinal de ir e vir com o dedo).*
- Marta: *fio terra (risos).*
- Leandro: *esses homens tão tudo virando veado mesmo, até o chapéu.*
- Marta: *mas esse senhor não quer homem, eu já pedi pra ele, ele gosta é de borracha.*
- Bruna: *é verdade, ele não sai com Fiorena de jeito nenhum.*

Marta expõe que com frequência aparecem senhores buscando por esse tipo de prazer, mas que em hipótese nenhuma seus clientes aceitam sair com Fiorena, “os cliente que saem comigo, dizem que gostam de mujer, no querem saber de homem”. Já os clientes de Fiorena, na maioria das vezes saem com Marta quando ela não se encontra no motel. Uma tarde, enquanto conversava com Marta, pude confirmar a procura por novidades por parte dos clientes quando um senhor parou

em frente ao motel e sem perceber que eu estava atrás do portão, deu início a um diálogo que acabou no quarto.

- Cliente: *oi, tudo bem?*
- Marta: *olá, que tal?*
- Cliente: *você come também?*
- Marta: *si, eu adoro comer.*
- Cliente: *mas tem que ser devagarzinho, eu nunca fiz assim.*
- Maria: *ahh sí, eu sei colocar com jeitinho.*
- Cliente: *e quanto tu cobra?*
- Maria: *assim é cinquenta.*

Mesmo não sendo algo que aconteça com muita frequência, o motel também aluga quartos para particulares, às vezes esses casais proporcionam fatos inusitados, como contou Tiago, sobre um dia de trabalho:

Um dia veio um casal aqui, eles entraram no quarto e pouco depois o cara ligou na recepção falando que a tv não estava funcionando. Fui lá ver qual era o problema e quando entrei no quarto eles estavam pelados em cima da cama, nem se incomodaram que eu estava ali, mas o cara é assim mesmo, estranho.

Marcos relatou também situações diferentes que viveu no local e disse que o fato de apenas mulheres se prostituírem na frente do motel pode ocasionar propostas ousadas aos funcionários homens, como as descritos abaixo:

Há um tempo atrás, quando o motel ficava aberto a noite, sempre aparecia um casal, casal casado mesmo, um dia o homem pediu para que eu ou o recepcionista que trabalhava aqui fossemos no quarto para ver ele e a mulher transando. Eu falei que não, mas o rapaz foi. Alguns dias depois o cliente voltou e dessa vez pagou para o meu funcionário transar com a mulher dele. O rapaz ficou desconfiado e pediu para eu ficar perto do quarto que qualquer coisa ele gritava (risos). Eu to achando graça agora, mas na hora também fiquei um pouco preocupado, a gente não sabia se era a primeira vez que eles faziam isso, vai que na hora o cara fica com ciúme e fica agressivo, é perigoso.

Tinha também um cliente que aparecia aqui direto, sempre acompanhado por um rapaz. Certo dia ele apareceu aqui sozinho, ligou várias vezes pedindo cerveja, uma hora ligou e pediu: "manda um homem aqui", eu falei que não tinha nenhum homem, o que chegava mais perto disso era Fiorena, que é travesti. Ele recusou e respondeu: "eu quero um homem com aparência de homem, vem aqui que eu te pago R\$200,00". Ele queria me chupar, acredita? Eu falei que não e ele ficou ligando, insistindo e aumentando o valor, chegou a oferecer até R\$500,00, como ainda assim eu não fui, ele ficou bravo, engrossou no telefone e disse: "quem trabalha em motel tem que fazer de tudo". Pra quê, mandei ele embora e falei pra não botar mais os pés aqui.

Tem um cara que vem toda semana sozinho no motel, não chama nenhuma das meninas, não bagunça a cama, só assiste filme, toma banho e sai, a única coisa que usa no quarto é a toalha para se enxugar. Nunca entendemos o que ele vem de verdade fazer aqui, ninguém precisa vir no motel pra se virar sozinho, é no mínimo estranho.

Marta contava que às vezes as fantasias dos clientes não envolviam relações sexuais com as mulheres, em algumas ocasiões, a única coisa que queriam era um estímulo, apenas olhar e se masturbar.

Ahh aqui vem muita gente querendo coisa estranha, tem um senhor que vem só pra chupar os pés das meninas, e só usa o quarto que tem espelho na parede, pra poder ver o que ta fazendo, depois se masturba e vai embora. É o dinheiro mais fácil de ganhar. Ontem também, eu e a Raquel atendemos juntas um senhor, ele nem queria meter, só queria ver nós duas juntas, rapidinho gozou e saiu.

A procura por novas experiências é feita na maioria das vezes por homens mais velhos, mas esporadicamente algum jovem também busca por algum tipo específico de relação, como o caso de um japonês que frequenta o motel assiduamente. Este homem demora tanto que algumas garotas se recusam a atendê-lo, como conta Bruna: *“tem um japonês que vem aqui, que entra no quarto, fuma marijuana e fica metendo uma hora entera, no deixa a gente abaixar as pernas nem um poquinho, fica segurando (risos)”*. As mulheres que o atendem reclamam de dores nas pernas ao sair do quarto, e não é pelo tempo de sexo, mas por ficar tanto tempo de pernas erguidas.

4.4 PROFISSÃO SECRETA

Prostituir-se no Brasil é visto pelas paraguaias observadas nesta investigação como uma forma de preservar-se. E, também, livrar-se do estigma que sofreriam no seu país, caso a família e amigos viessem a saber de suas reais atividades. De todas as prostitutas que conheci no motel, apenas Fiorena disse não esconder o que faz da sociedade, pois o companheiro, a família e os amigos dela tem conhecimento de que ganha dinheiro fazendo programas.

Yo nunca escondi de ninguém o que faço, nem tenho vergonha. Quando comecei na rua, comecei no Paraguai, então ainda que eu quisesse esconder no poderia. E después, as personas costumam me julgar mais por

ser travesti do que por prostituirm. No me importa lo que piensan, no faço mal pra ninguém, no to roubando también.

No caso das outras garotas, o conhecimento por parte da família é limitado, algumas escondem de todos, dizendo que são diaristas em Foz do Iguaçu, ou que trazem mercadorias do Paraguai, outras apontam o conhecimento por parte de algum membro da família, que se torna cúmplice na omissão do trabalho.

Pude observar durante os meses de pesquisa, que as mulheres que escondem a atividade, tomam cuidado para que não sejam vistas por alguém que conhecem. Mesmo no caso das paraguaias, que correm um risco menor, a ameaça existe, por isso, elas prestam atenção na movimentação de rua, a fim de se esconder caso identifiquem algum automóvel familiar no entorno do motel.

Todo o esforço para manter o segredo nem sempre é suficiente, como foi o caso de Bruna, que deu de cara com uma vizinha ao chegar para trabalhar. Tal fato ocorreu, devido a grande rotatividade de faxineiras no motel. A mãe de Marcos emprestou sua empregada para limpar o local quando Dalva abandonou o emprego repentinamente. O susto ao se avistarem foi mútuo, Marisa a empregada, se assutou, pois não imaginava o que Bruna fazia, e esta ficou apavorada, visto que tinha sido descoberta.

A partir desse encontro Bruna passou a carregar o que Goffman (1982) chamou de sombra, por temer ser desmascarada frente à família e amigos. Apesar de ter ficado apenas um dia limpando o motel, Marisa contou, para mim, o ocorrido quando ficou sabendo de minha pesquisa:

Te voy a contar, pero não fala pra Bruna que eu te falei ta? Eu levei um susto quando vi ela aqui, não fazia ideia do que ela fazia pra ganhar dinheiro. Ela es mi vecina, ninguém no Paraguai sabe que ela se prostitui. Ela es mãe solteira e tiene un menino de quatro años, ela también se assustou quando me viu. Agora poco ela me procurou quando estava limpando um quarto e pediu por favor que eu não comentasse com ninguém o que ela faz. Falei pra ela que não tenho nada a ver com isso, que ela pode quedar tranquila.

Marta também mantém sigilo total do que faz no Brasil. No Paraguai frequenta a Igreja e diz ser muito respeitada no bairro que mora. Tem uma grande preocupação em não ser descoberta e, por cautela quando está na rua, se mantém afastada do portão: “eu fico caminhando pra lá e pra cá, qualquer cosa si alguém me

vê aqui, posso falar que sólo estava passando na frente ou que vim entregar alguma encomenda”.

Já para Paola, esconder o que faz é complicado. Ela sempre demonstrou medo de ser vista por algum conhecido. Casada, ela acredita que o marido desconfie, mas seu maior temor é ser descoberta pelas filhas, principalmente pela adolescente, que demonstra desprezo por prostitutas.

No caso das demais, alguém da família compartilha o segredo. Na casa de Raquel a mãe tem conhecimento. Na de Maísa, a filha adolescente desaprova, mas aceita. Os companheiros de Carla, Fran, Thaís e Karini também conhecem a atividade delas, mas não comentam com ninguém, ato que é visto pelas garotas como proteção. Marcos certa vez comentou sobre essa situação e disse não compreender como certos homens aceitam ou incentivam a prostituição de suas mulheres:

Algumas delas têm companheiros, não apenas sabem como às vezes alguns até as trazem aqui. Eu não consigo imaginar isso, o homem trazer a mulher pra sair com outros. A Karini mesmo dá todo o dinheiro que ganha aqui para o marido que não faz nada, ele fica em casa tomando tererê e olhando os filhos. Outro dia ela pediu para dormir no motel, porque não podia voltar pra casa até ter R\$400,00, porque o marido precisava um celular novo. Teve uma vez que ele mandou uma mensagem no meu celular perguntando se ela não tinha trabalhado naquele dia, porque voltou pra casa sem nada. Não sei como uma mulher permite uma coisa dessas, acho que é uma coisa meio que cultural. Depois da guerra do Paraguai as mulheres tiveram que se virar e os homens que restaram foram mal acostumados, era normal um homem ter mais que uma família, hoje que as coisas estão mudando, tem mulher que não aceita mais sustentar homem.

Para Maísa, única brasileira no ambiente, esconder o que faz é ainda mais importante. Apesar de fazer programas há algum tempo, o foco dela desde o início esteve em caminhoneiros que moram em outras cidades, com quem ela sai quando os homens vêm trabalhar em Foz do Iguaçu. Atender clientes de outras cidades garante a ela dinheiro e discrição, uma vez que pode levar um trabalho “normal” durante o dia e inclusive ter relações afetivas com outros homens, sem que eles saibam de suas atividades.

Ficar exposta na frente do motel é considerado por ela uma atitude extrema, que só exerce por estar desempregada. O medo de ser descoberta e a vergonha fazem com que Maísa fique mais tempo do portão para dentro, do que do lado de

fora. Sua vigilância com o movimento na rua é constante, e não raro presenciei ela correndo para o interior do motel, pois alguém conhecido passava por perto.

4.5 PELAS COSTAS DOS CLIENTES

Dentre os diversos assuntos abordados pelas citadas garotas de programa, cabe destacar as falas sobre grande parte da clientela. Não era sempre que as mulheres teciam comentários sobre a freguesia de longa data. Todavia, os clientes novos eram o alvo principal das conversas e avaliações sobre o que faziam em suas vidas, suas preferências, suas fantasias, bem como o “calibre” de seu órgão sexual. A proximidade com as investigadas durante a execução da pesquisa permitiu-me acompanhar as reflexões feitas durante o término de alguns programas.

Certa tarde, Marta atendeu um senhor, que era um de seus clientes fixos. O programa durou uma hora e ela saiu rindo do quarto. Após o homem ir embora ela contou que seu cliente só funcionava se tomasse remédio para disfunção erétil e neste dia ele havia esquecido de tomar antes de ir para o motel, “*este senhor tomou Viagra quando chegou aqui, demorou pra fazer efeito, pero después que fez foi rapidinho*”. Antes de voltar para sua cadeira na calçada ela ainda contou, sem conter os risos, do ocorrido no último final de semana após atender um senhor:

Sábado tomei una Coca no quarto com um cliente e después passei muy mal, vomitei, tive diarreia. Don Marco teve que me levar no hospital, parecia que o mundo ia acabar para mí, pero no es culpa do cliente, imagina, ele sólo mete, mete, foi a Coca que fez mal, tava vencida.

Em outra ocasião presenciei uma cena inusitada, Karini e Marta estavam no portão quando um cliente chegou de carro, nenhuma das duas fez menção de acompanhá-lo, e por alguns instantes conversaram em guarani, até que Karini levantou e foi para o quarto com o motorista. Assim que ela se retirou, perguntei a Marta o que tinha acontecido que nenhuma das duas demonstrou interesse em atendê-lo, ela riu e me respondeu:

Eu disse pra Karini que era cliente dela, e ela disse que no, ficou teimando comigo, até que o cliente baixou o vidro e ela viu ele. Otro día sai com ele, porque ela no tava aqui, achei que ia ganar bem, dei uma chupada e na hora de pagar só me deu R\$30,00, falei que era poco, pero ele disse que era tudo o que tinha... no saio por R\$30,00, mejor ficar na cadeira sentada, no vou ficar me sujando por tão pouco, eu cobro de R\$45,00 pra cima.

No dia a dia do motel eram raras as ocasiões em que homens jovens apareciam à procura de companhia. Quando isso acontecia, as garotas ficavam afoitas pela oportunidade de atendê-los. Enquanto estive convivendo com essas mulheres, Marta foi uma das que atendeu um desses jovens, não escondendo a satisfação após o programa. Quando saiu do quarto, se dirigiu para mim com um sorriso nos lábios, no entanto, não disse uma palavra. Vendo sua expressão, mas sem querer parecer invasiva, disse a ela: *“se deu bem”*. Como resposta obtive: *“ahh sí sí, ele no es meu cliente, é da loira, vai ficar brava se souber que atendi ele. Pero a gente no é dono dos cliente, ele paga R\$40,00 pra ela e pra mim deu R\$75,00. Pegou R\$100,00 da carteira, pagou o quarto e deu o resto pra mim”*.

Ainda sobre clientes jovens, Raquel também teve a oportunidade de atender um. Quando ela se dirigiu para o quarto, Marta falou: *“es bonito, pero tiene cara de ser chato”*. Parece ter adivinhado, o cliente de Raquel virou motivo de risos depois, em dez minutos acabou o programa e ela saiu contando o quanto o rapaz era desagradável:

Esse cara aí entrou dizendo que queria fazer anal também, mas pulei em cima dele e já era, mexi um pouquinho e acabou o homem. Além disso, enjoado, cheio de não me toques, trouxe a camisinha dele, disse que não fazia por cima e depois de colocar a camisinha encheu de papel ao redor, pra não entrar em contato comigo. E ficava beliscando meus mamilos e fazendo círculos, bem estranho.

Maísa por sua vez gostava de zombar dos gordinhos, sempre fazia piadas após atender algum, como uma tarde em que atendeu um motoqueiro. Depois de 20 minutos de programa, voltou ao portão e comentou sobre o homem: *“esse quase não tinha pinto, desse tamanhico (faz sinal com a mão), o importante é que ganhei dele, ele foi tão educado comigo que foi até bom”*.

Em outra oportunidade, Maísa, comentou sobre um cliente que atendia com frequência, segundo ela o homem era tão gordo que nem via o que estava fazendo, sendo fácil enganá-lo.

A maioria dos gordinhos tem pinto pequeno. Eu tenho um cliente que é tão gordo que pensa que ta fazendo anal e não ta, eu fico de quatro e coloco a mão por baixo do meu corpo e aperto com a mão. Ele é gordo que nem enxerga o que ta fazendo, pra esse eu dou sorrindo.

Algumas garotas comentavam sobre a bondade dos clientes. Falavam bem dos que pagavam melhor e dos que lhes traziam presentes, como um cliente de Carla, “*eu gosto deste cliente, ele é bom pra mim, paga bem, nunca me dá menos que R\$70,00, às vezes até traz chocolate, eu sempre levo um pro meu menino*”.

Elas comentavam sobre os homens que gostavam de viver em perigo, caso de um cliente de Marta, que alegava não ter dinheiro para pagar o quarto, e a levava em uma rua sem movimento para fazer sexo oral dentro do carro. Ela mesma disse que:

este no tinha dinero pra pagar o quarto, só tinha R\$40,00, então, sai com ele e dei uma chupada por R\$40,00, no podia perder o dinero porque ele no tinha para pagar o quarto, e foi rapidinho, dentro do carro mesmo [...] este homem tinha brigado com a namorada, tinha um buquê de rosas dentro do carro, me deixou aqui e ia conversar com ela, fazer as pazes.

Às vezes elas são procuradas, pois o cliente quer comemorar algo, como foi o caso de um jovem que Raquel atendeu. Após o programa que durou 25 minutos ela saiu reclamando de cansaço:

Esse me deixou cansada, acabou comigo e nem foi tanto pelo tempo, mas ele jogava o peso em cima de mim, sabe? Demorou pra gozar e o pau dele era torto, me machucou, tomara que demore pra aparecer outro cliente. Esse que atendi agora veio no motel comemorar, ele me disse que tinha acabado de sair do fórum e que foi inocentado de ter tentado matar um homem, falou que sábado volta aqui.

Em seguida ponderou que era melhor que não voltasse, pois sábados são dias movimentados e ela não gostaria de sentir dores e correr o risco de ter que rejeitar algum cliente.

4.6 RISCOS

O fato de se prostituírem em um local que conta com a presença de outras pessoas e câmeras parece inibir a ocorrência de violência por parte dos clientes. Nos dez meses de pesquisa nunca aconteceu um incidente do tipo. Para as mulheres as maiores preocupações com relação ao que fazem é o risco que correm de sofrerem assaltos ao sair do motel e o risco de contrair uma doença.

Vir a ter uma doença é algo preocupante e a maioria delas revelou tomar cuidados e não transar sem camisinha em hipótese alguma. Marta além de utilizar preservativo, realiza exames periodicamente, comprovando que o número de parceiros sexuais não está diretamente relacionado à possibilidade de contrair doenças, e que afirmar isso demonstra apenas preconceito, já que as garotas são conscientes dos riscos e minuciosas nos cuidados (GASPAR, 1985). Maísa que já presenciou a dificuldade de ter uma doença sexualmente transmissível sente pavor de contrair algo. Ela mesma revelou que a melhor amiga já ficou doente.

Minha amiga pegou gonorreia e gastou um monte, eu nem sentava mais perto dela. Eu falei pra ela, “eu amo você, mas não quero isso pra mim”. Nunca mais vou emprestar uma roupa, ela sentava no meu colo, não deixo mais. Eu fui no médico com ela, fiz exame também, meu Deus do céu! Fiquei com tanto medo, mas graças a Deus não tinha nada, eu me protejo, mas tenho medo, já pensou a camisinha estourar?

A possibilidade de ser assaltada também é algo que atormenta as garotas, os clientes as pagam em dinheiro e o rendimento de um dia movimentado de trabalho pode ser levado rapidamente caso alguém as assalte na saída. A maioria das mulheres que trabalham em frente ao motel já ficou na rua, em locais onde não contavam com nenhum tipo de segurança. Nesses espaços quase todas sofreram roubos, inclusive realizados por clientes, que após o programa levavam tudo o que elas tinham. Dentro do motel a possibilidade disso acontecer é remota e elas jamais desgrudam de suas bolsas, o perigo esta do portão para fora, na hora de ir pegar um moto-táxi para retornar ao Paraguai, quando ladrões podem as render, como ocorreu com Marta:

Una vez dois adolescentes levaram minha bolsa, por suerte nesse dia não tinha quase nada. Outra vez que eu tinha bastante dinero só no roubaram tudo porque um motoqueiro me ajudou. E eles me conheciam, tenho certeza que o menino que trabajava aqui que passo informação, deve ter avisado quando saí daqui, porque me abordaram falando: “para aí Marta e passa tua carteira”. Eu tentei fugir, pero me agarraram e caí. Logo passou um motoqueiro e me ajudou, por isso levaram só meu celular que caiu da bolsa. No tombo machuquei o joelho e fiquei vários dias sem trabajar, no conseguia ficar de quatro.

Fran por falta de cuidado chegou a ser assaltada dentro do quarto do motel por um cliente, *“fui tomar banho e deixei minha bolsa no quarto, me roubou R\$400,00, no achei que fosse me roubar, foi tão educado, já tinha pago o*

programa”. Na ocasião Marcos ofereceu-se para levá-la na delegacia prestar queixa, mas ela recusou-se a ir. Após o ocorrido, todas passaram a tomar mais cuidado com seus pertences, quando ganham muito dinheiro em um dia, guardam no armário, ou deixam com Marcos para pegar novamente antes de ir embora.

4.7 BASTIDORES E SUAS PARTICULARIDADES

No decorrer da investigação, entre observações e conversas, foram levantadas informações importantes. Tirando as tensões entre os grupos e as precauções tomadas a fim de se evitar a estigmatização, pode-se dizer, de forma geral, que estas mulheres se divertem no local que utilizam para se prostituir, pois ali fazem amigos e ganham dinheiro. Com frequência, as garotas saem do quarto com feições de contentamento, às vezes, elogiando o cliente que acabaram de atender.

O que talvez tenha me chamado mais atenção na pesquisa foi o comportamento discreto por parte delas, assim como as roupas modestas utilizadas pela maioria. Esperava encontrar mais exposição corporal e extravagância, uma vez que na prostituição de rua, a imagem corporal, tem importante função comunicativa e social. A fim de atrair clientes as garotas de programa reforçariam a sua sexualidade através da utilização de saltos altos, maquiagens e roupas coladas ao corpo (JULIANO, 2002, p. 79). Sobre este assunto em conversa com Marcos, ele comentou:

Então, eu até dou uns toques nelas pra usarem roupas mais provocantes, não só jeans, e até como sentar. Outro dia estava vindo para cá e da outra rua vi a Maísa na cadeira, parecia um corpo estendido, aí cheguei e conversei com ela. E sobre mexer com os clientes, elas são quietas mesmo, só a Fiorena que às vezes vai na rua. Teve uma aqui uma vez que ia na rua, mostrava a bunda, os peitos, mas acho que não batia bem, usava droga, saiu daqui e nunca mais eu soube dela.

Algo interessante na pesquisa foi verificar que as mulheres que mais programas fizeram durante o tempo em que as observei foram Marta, Raquel e Karini. As duas últimas era de se esperar, visto que são as mais novas e com o corpo mais torneado. Já Marta por ser a mais velha do local, foi uma surpresa, causava espanto até aos funcionários o fato dela ter tantos clientes, além disso, sua freguesia era constituída pelos mais assíduos e fieis. Alguns voltavam toda semana.

Também foi possível observar durante a investigação que em dias movimentados elas podem ganhar bem, sendo que as mais bonitas tem lucro maior, são mais procuradas e costumam cobrar mais caro. Com Raquel é assim, em um único dia ganhou R\$520,00. Marcos já havia me falado sobre isso e a observação serviu para corroborar a informação.

Elas ganham bem! Quanto mais bonita, mais ganha. Há pouco tempo tinha uma moça bem bonita que trabalhava aqui na frente, tinha dias que chegava a ganhar mil reais, mas fazia programa o tempo todo, ela saiu daqui e foi pra Espanha. Eu tenho uma noção de quanto tiram porque temos uma planilha de controle do uso dos quartos e anotamos quem estava acompanhando, pois às vezes acontecem coisas estranhas no quarto e preciso saber com quem falar. Pela planilha a gente vê quem trabalha mais e tem uma ideia de quanto ganham.

FIGURA 7 – CONTROLE DE ALUGUEL DE QUARTOS

QUANT	APTO	ENTR.	SAIDA	CONSUMO	RS CONS.	TOTAL
01	73	9:14	9:27	M.M. PRES		25,00
02	72	9:31	10:29	M.R. PRES		25,00
03	70	9:57	10:19	L.O.R.A. PRES		25,00
04	73	10:04	10:19	C. PRES		25,00
05	74	10:24	10:37	C. PRES		25,00
06	77	10:29	10:54	M.R. PRES		25,00
07	73	11:41	12:20	C. 2 PRES		25,00
08	74	12:37	13:05	M.R. PRES		25,00
09	08	13:24	13:40	S.A. PRES		25,00
10	74	13:42	13:57	M.M. PRES		25,00
11	73	13:57	14:24	M.R. PRES		25,00
12	08	14:22	14:45	C. PRES		25,00
13	72	14:50		C.		
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						
25						
26						
27						
28						
29						
30						

FONTE: Lorenzi

O uso das tecnologias igualmente foi marcante durante as observações. Muitos clientes mandavam mensagem ou ligavam antes de ir ao motel, o que facilitava a vida das garotas, já que muitas deixavam dois ou três programas combinados com antecedência e podiam sair de casa com a certeza de ganhar dinheiro. Mas por outro lado, o uso da internet e do celular também causaram problemas ou situações inusitadas, como fica claro nas informações que Dalva e Marcos me repassaram:

- Dalva: *um dia um cliente quando foi sair me falou: “essas aí ganham dinheiro fácil, porque mal se mexem e em 15 minutos ganham quarenta ou cinquenta reais”.*
- Marcos: *pior que é verdade. Outro dia um cliente da Carla reclamou pra mim antes de ir embora, disse que ela deitou na cama, abriu as pernas e pegou o celular. O cara saiu muito bravo do motel e não saiu mais com ela. Ta certo que as relações que elas têm com os clientes não costumam ter envolvimento, mas pelo menos podiam fazer de conta pra agradar o cliente né? [...] Se bem que outro dia vi a Paola se despedindo de dois clientes com beijo na boca e chamando de amor.*
- Dalva: *credo! Vem cada um aqui, sujos, fedidos, às vezes da até nojo.*
- Marcos: *a Fiorena mesmo, pega cada tipo, às vezes vamos limpar o quarto e tá um fedor. A limpeza é toda diferenciada dos quartos que ela usa, tem que deixar um tempo aberto também, para sair o cheiro.*

O uso da internet por parte das prostitutas ainda causou algumas discórdias com o proprietário do motel. Em uma terça-feira cheguei ao “*locus de pesquisa*” e a única garota de programa que estava lá era Marta. Estranhando a ausência das demais, fiz um comentário a respeito e fui informada que elas provavelmente não viriam, estavam de castigo. Marcos então me contou que desligou a internet, pois algumas vinham ao motel apenas para pegar sinal de *wi-fi* e marcar encontros fora dali. Contou ainda que elas estavam bravas, porque no dia anterior quando ele desligou o *wi-fi*, todas foram embora. No mesmo dia enquanto conversava com Marta, ela disse:

Don Marco ainda no ligou a internet. As meninas só aprontam, vem aqui, usam a internet pra marcar programa em outro motel com o cliente, é uma sacanagem. A Fiorena tem feito muito isso, diz que ta ganhando almoço em outro motel se fizer os programas lá, es muita falta de consideração, de respeito, devia ficar lá de uma vez, só vem aqui incomodar.

Não foram apenas situações envolvendo as prostitutas e os clientes que chamaram atenção durante o tempo em que lá estive. No decorrer da pesquisa aconteceu uma situação desagradável, causada por João, funcionário que foi

receptionista por um breve período. Quando João começou a trabalhar no motel eu já estava fazendo observações e o achei invasivo e abusado. Queria ser próximo de todas as garotas e vivia tocando em Gisele, que ficava visivelmente irritada. Eu, como estava ali para fazer pesquisa, não me metia e repelia qualquer tentativa de aproximação dele.

Certo dia ao chegar ao motel vi na recepção um rapaz que até então não conhecia, Leandro, que foi contratado para substituir João. Nesse dia, ao escutar minha chegada Marcos me chamou ao escritório para uma conversa, fiquei apreensiva, pois nem quando comecei a observação ele quis conversar em particular. Ao entrar no escritório perguntei o que tinha acontecido com João, ao que ele me respondeu que era esse justamente o assunto. Em seguida me questionou se o homem já tinha tentado forçar algo comigo, falei que não, que ele era cheio de gracinhas, mas que nunca fez nada, aí Marcos me contou o ocorrido:

Então, eu dei a conta pra ele sábado, porque ele tentou agarrar a Gisele a força. Eu não estava aqui, mas quando cheguei e me contaram fui olhar nas câmeras. Vi ele tentando bloquear a passagem dela e tentado lhe dar um beijo, a Marta que estava em um dos quartos, ouviu ela gritando, mas achou que era assalto e não saiu para olhar.

No mesmo dia Marta me procurou e perguntou se eu fiquei sabendo o que João fez, disse que sim, mas ela que estava no motel na hora do ocorrido contou com mais detalhes:

Sexta eu e ela saimo pra ir pra casa e um cliente meu encontro com nós na rua. Ele pediu pra eu voltar, que ia ser rapidinho e pagava mais. Aí nós duas voltamos, eu fui pro quarto e a Gisele ficou me esperando. Um tempo después escutei que ela gritou, pero achei que fosse ladrão e me escondi. Passou uns minutos e eu espiei pela janela, aí vi ela chorando. Fui na recepção dar o dinero do quarto para João e pedi o que ela tinha, ele disse que tinha feito uma brincadeira com Gisele e que ela no habia gostado, después ela me conto tudo. No es possível que ainda tem homem que faz isso, nem a gente que trabalha así aceita a força, a força no.

Constantes também foram as “histórias incoerentes” de Marta, como: “lá na minha casa tem um gato com cara de cachorro, o cachorro cruzou com a gata e saiu um misturado”. Aprendi muitas superstições com ela, porém essa mania de contar coisas sem pé nem cabeça causava desconfiança nas pessoas, e mesmo quando ela falava sério ninguém lhe dava crédito. Exemplo disso aconteceu quando ela contou aos funcionários do motel que um cliente lhe tinha machucado, na hora todo

mundo ficou desconfiado da história e ignorou, mas depois quando Marcos chegou, acreditou nela, tendo em vista quem era o cliente. Então ele disse:

Eu não duvido, esse cara é problemático. Há um tempo atrás ele saiu com Fiorena e quando fui limpar o quarto, tava todo cagado. Pior que fui eu que limpei, porque foi naqueles dias logo que a Dalva saiu. Tinha merda por tudo, no banheiro, na cama, na parede, aí fui olhar nas imagens das câmeras pra ver quem tinha entrado no quarto... quando ele voltou aqui excomunguei. Xinguei a Fiorena também que estava junto e não fez nada, sabe o que ela me disse? “o negão não aguentou o tranco e se cagou, o que posso fazer?”.

Comum no dia a dia do motel também era a confusão que ocorria por parte dos clientes com relação a quem se prostituía ou não, naquele ambiente. Embora tomasse cuidado para não ser vista pelos frequentadores, algumas vezes fui confundida e até precisei me esconder atrás de alguns arbustos. Segundo Marta, essa confusão era normal, mas eles não criavam problemas quando recebiam uma resposta negativa. Gisele e Luana eram confundidas frequentemente, responsáveis pela limpeza do local, eram mais bonitas que as prostitutas e sempre que se aproximavam do portão recebiam alguma oferta. Gisele ignorava, Luana ficava brava, dizia não ter cara de mulher da vida e narrou um diálogo que teve com um homem:

Ontem um homem me viu saindo do motel e me confundiu, parou o carro do meu lado e pediu: “você faz amor?”. Eu falei que não, aí ele disse: “mas eu pago bem”. Falei pra ele: “me respeita, não sou da vida”. Virei às costas e ele ficou resmungando algo que não entendi.

Luana apesar de ficar indignada quando a confundiam com uma garota de programa, por vezes se mostrava ressentida com a vida e salário que ganhava. Em uma das poucas vezes que conversou comigo, desabafou:

Às vezes me sinto tentada pra atender cliente, eu trabalho um monte, e no fim do mês ganho o que algumas tiram em dois dias. Olha a Raquel hoje, já deve ter tirado uns R\$500,00, ela cobra mais que as outras. Pero entra cada tipo aqui, não tenho coragem, tenho nojo, outro dia um cliente me ofereceu R\$300,00, eu saí correndo.

Já com as observações avançadas, presenciei uma cena protagonizada por um casal que alugou um quarto. Apesar de ambos estarem bêbados, o que despertou atenção foi o fato da mulher estar grávida. Logo após chegarem ao motel chamaram uma garota de programa que fazia ponto em outro lugar. Mais tarde a

gestante saiu do quarto pedindo para que um homem fosse transar com ela. Na falta de um homem, ela então chamou Fiorena para o quarto, que brava recusou a proposta. Quando o casal se retirou do local e, Luana foi limpá-lo, encontrou, além de diversas latas de cerveja, restos de cocaína sobre um móvel. O produto encontrado gerou revolta por parte das garotas presentes, que ficaram inconformadas com o comportamento de risco que a gestante apresentou.

Outra situação *sui generis* que presenciei ocorreu em um dia que apenas Marta e Karini foram trabalhar. Acostumada a fazer um número expressivo de programas, neste dia Marta fez apenas um atendimento. Animada pela manhã, vi seu comportamento se alterar e, o bom humor dar espaço para a irritação conforme as horas foram passando e apenas Karini era solicitada. Ao longo do dia alguns homens até pararam conversar com Marta, mas ninguém entrava e para surpresa dos presentes, nem reduzir o preço do atendimento lhe rendeu trabalho. No desespero por dinheiro chegou a oferecer programa completo por R\$50,00, valor que usualmente pede para programas normais, nem assim o cliente entrou, como demonstrado no diálogo a seguir:

- Cliente: *oi, quanto ta cobrando?*
 - Marta: *R\$ 50,00.*
 - Cliente: *completo?*
 - Marta: *si.*
 - Cliente: *não da pra fazer por R\$ 30,00?*
 - Marta: *no, por isso não faço.*
- (Ele concorda com a cabeça e vai embora).

Para aumentar ainda mais a irritação de Marta, ao mesmo tempo em que esperava o tempo passar, via Karini ser extremamente requisitada, chegando a protagonizar uma cena inusitada no local: uma fila de espera. Enquanto Karini atendia um cliente, chegou outro, procurando por ela. Mesmo tendo sido informado de que, ela estava no quarto, resolveu esperar no aposento ao lado. Imediatamente na sequência, chegou mais um cliente procurando pela moça, Leandro então explicou, a ele, o que estava ocorrendo. Achando estranha a situação o cliente resolveu ir embora, não gostou da ideia de ser o terceiro consecutivamente. Marta, que conhecia o homem que se retirou, falou então:

Esse senhor que saiu nem funciona mais, vem só pra chupar ela. Nem Viagra funciona ali, por isso foi embora, deve ter ficado com nojo de

chupar o que outros tinham acabado de usar, se ficar pensando nisso é capaz de nem voltar mais.

Após esse comentário, Marta, visivelmente de mau humor, guardou sua cadeira e foi embora sem se despedir de ninguém.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado abordou a realidade das interações ocorridas entre as garotas que se prostituem no motel Belize. Para a realização desta pesquisa utilizei o método etnográfico, que me permitiu conviver com o grupo de prostitutas durante um período de 10 meses. Através da observação e da descrição etnográfica busquei revelar o que acontece neste ambiente entrelaçando os fatos às abordagens teóricas já consagradas sobre o assunto.

Apoiada na concepção dramaturgical de Erving Goffman que explora as interações através de metáforas teatrais, analisei como as garotas utilizaram a representação durante a presença no palco, o motel Belize.

Tendo em vista os dados levantados na investigação, as observações me permitiram depreender que, especificamente nesta situação e neste grupo, assim como o sustentado por Goffman (2009), a utilização das representações por parte das garotas foi acentuada, principalmente na interação com os clientes, situação na qual colocavam máscaras correspondentes ao que a sociedade espera das prostitutas. A utilização de determinadas falas, movimentos corporais e eventualmente o uso de roupas sensuais, buscavam atender as expectativas da plateia, não correspondendo aos hábitos das garotas na ausência de clientes.

Foi possível observar que a utilização de representações também é uma estratégia importante para se proteger do estigma atrelado à imagem das prostitutas. A atuação das garotas neste sentido era complementada pela utilização de “nomes de guerra”, e no caso das paraguaias, pelo deslocamento do domicílio no Paraguai para o local de trabalho no Brasil. Para elas, esconder a ocupação exercida permite desempenhar outros papéis, em outros ambientes, sem enfrentar preconceitos e hostilidades.

Salvo uma exceção, é importante ressaltar que ao deixar o papel de prostitutas e retornarem para seus lares, estas mulheres não deixam de representar, apenas assumem outro papel, que se torna necessário devido à tentativa de manter o trabalho em segredo. Impossível dizer qual papel exige mais das garotas, se a de “mulher da vida” ou de “mãe de família”.

Ficou evidente durante a pesquisa que a relação existente entre as garotas e o administrador do motel é meramente conveniente, onde ambos se beneficiam. O motel lucra através do aluguel de quartos e as mulheres contam com maior

comodidade e segurança, quando comparadas as condições de trabalho que encontrariam nas ruas.

Sobre os clientes, foi possível observar que apresentam perfil predominantemente composto por homens casados, acima dos 50 anos. Dentro deste grupo é considerável a presença de caminhoneiros provenientes de outras cidades. Quanto à duração dos atendimentos, os mesmos costumam ser rápidos, dificilmente ultrapassando 20 minutos e o valor estipulado para tal prestação de serviços, apesar de variável, gira em torno de R\$50,00.

Conforme informações repassadas pelas garotas, na maioria dos casos, os homens procuram por seus serviços quando não mantêm mais relações sexuais com a esposa ou quando querem satisfazer alguma fantasia que não realizam em casa, devido à vergonha em manifestar seu desejo ou à recusa por parte da mulher.

Apesar de terem histórias diversas sobre a entrada na prostituição, ficou evidente que a principal motivação para a permanência nesta atividade é o dinheiro e o sustento da prole. Com a realização de programas as garotas obtêm ganhos significativamente superiores ao que obteriam em outras atividades, contando ainda com a flexibilidade de decidir quando e quantas vezes trabalhar, o que costuma ocorrer de acordo com a necessidade financeira de cada garota.

A interação entre as prostitutas que foram objeto desta pesquisa foi marcada pela constante tensão, sendo possível separá-las em dois grupos ligados por afinidades. As ofensas sussurradas e os falatórios alheios eram regulares. Os desentendimentos sobre a “posse” dos clientes também, atender o cliente alheio era motivo certo de encrenca. Momentos de união entre as garotas ocorriam na iminência de entrar outra mulher, nestas ocasiões, se uniam para hostilizar e expulsar a concorrente do local. Solidariedade só era demonstrada a fim de evitar clientes agressivos, situações onde avisavam umas as outras sobre o perigo em atender determinados homens.

Foi possível verificar também que apesar do risco de violência existir nesta profissão, este não é um medo que aflige as garotas do grupo em questão. No motel nunca nenhuma sofreu qualquer tipo de agressão, fato que elas acreditam ser possível devido às câmeras existentes e a presença de várias pessoas. Para elas as principais preocupações são com assaltos ao sair do local de trabalho ou contrair alguma doença caso o preservativo estoure.

A atenção voltada para as simulações durante os meses em campo me permitiu refletir sobre as máscaras que utilizamos diariamente, pois no palco em questão não só as garotas de programa se utilizavam delas, eu, no intuito de me aproximar e levantar maiores informações fiz uso constante da atuação, inclusive pensando minha vestimenta de acordo com a imagem que queria transmitir.

Após o exposto, é possível concluir que para as garotas de programa observadas durante esta pesquisa, a prostituição é um trabalho como outro qualquer, que apesar das dificuldades, lhes proporciona dinheiro e lhes rendem amigos.

Por fim, afirmo que desenvolver esta dissertação foi um grande desafio que me permitiu ver o mundo com um olhar mais flexível. Saio desta pesquisa satisfeita por ter a oportunidade de apresentar à minha plateia uma faceta diferente da prostituição, que é um mundo tão vasto, carente de informações e carregado de preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fábio Lopes. **Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. 3ª. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2014.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 18ª. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

BACELAR, Jeferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BALLER, Leandro. **Fronteira e fronteiriços: a construção das relações sócias entre brasileiros e paraguaios**. 336 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BRASIL. **Classificação brasileira de ocupações: CBO – 2010 – 3. ed.** Brasília: MTE, SPPE, 2010.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 2.848, de 07 de dez. de 1940**. Institui o Código Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em: 23 de jul. de 2019.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Portaria nº 125, de 21 de março de 2014**. Disponível em: <http://www.lex.com.br/legis_25369237_PORTARIA_N_125_DE_21_DE_MARCO_D>. Acesso em 05 de setembro de 2019.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural: Orientação Sexual/Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed, v. 10. Brasília, 2001.

BOHANNAN, Paul. O progresso da antropologia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 245-257.

BOURDIEU, Pierre. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, Édison (org.). **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. p. 11-12.

CARVALHO, Enio. **História e formação do ator**. São Paulo: Ática, 1989.

CORREIA, Raimundo. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1961, p.135-136.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ARQUIVO PÚBLICO (PR). **Manual de comunicação escrita oficial do estado do Paraná**. 3ª ed. Curitiba: Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 2014.

DREYFUS, P. La Triple Frontera: zona de encuentros y desencuentros. In: HOFMEISTER, W; ROJAS, F.; SOLIS, J. G. (Org.). **La percepción de Brasil en el contexto internacional: perspectivas y desafíos**. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2007, p. 105-134.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GLUCKMAN, Max. O material etnográfico na antropologia social inglesa. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 73-76.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JULIANO, Dolores. **La prostitución: el espejo oscuro**. Barcelona: Icaria editorial, 2002.

JULIANO, Dolores. **“Si la prostitución no fuera acompañada del rechazo social, podría resultar atractiva para más personas”**, 2014. Disponível em: <https://www.pikaramagazine.com/2014/03/si-la-prostitucion-no-fuera-acompanada-del-rechazo-social-podria-resultar-atractiva-para-mas-personas/>. Acesso em: abr. 2019.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. Tradução de Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato de empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélago da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores)

MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980. p. 39-61.

MARTIN, Denise. **Riscos na prostituição: um olhar antropológico**. São Paulo: Humanitas, 2003.

MONTENEGRO, Silvia; BÉLIVEAU, Verónica Giménez. **La Triple Frontera: Globalización y construcción social del espacio**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2006.

MOZZILLO, Isabella. **Aspectos do portunhol na fronteira Brasil-Uruguai**. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. 23(2), 187-199, 2013. Digital <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/download/2044/1914>. Acesso em: set. 2019.

PARAGUAY. **Constitución de la República del Paraguay: promulgada en 20 de junio de 1992**. Convención Nacional Constituyente. Asunción: Decidamos, 2007. 150 p.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SILVA, Daniel Furtado Simões da. **O ator e o personagem: variações e limites no teatro contemporâneo**. 235 f. Doutorado em Artes – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SILVA, Rogério Araújo da. **Prostituição: artes e manhas do ofício**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papyrus, 1998.